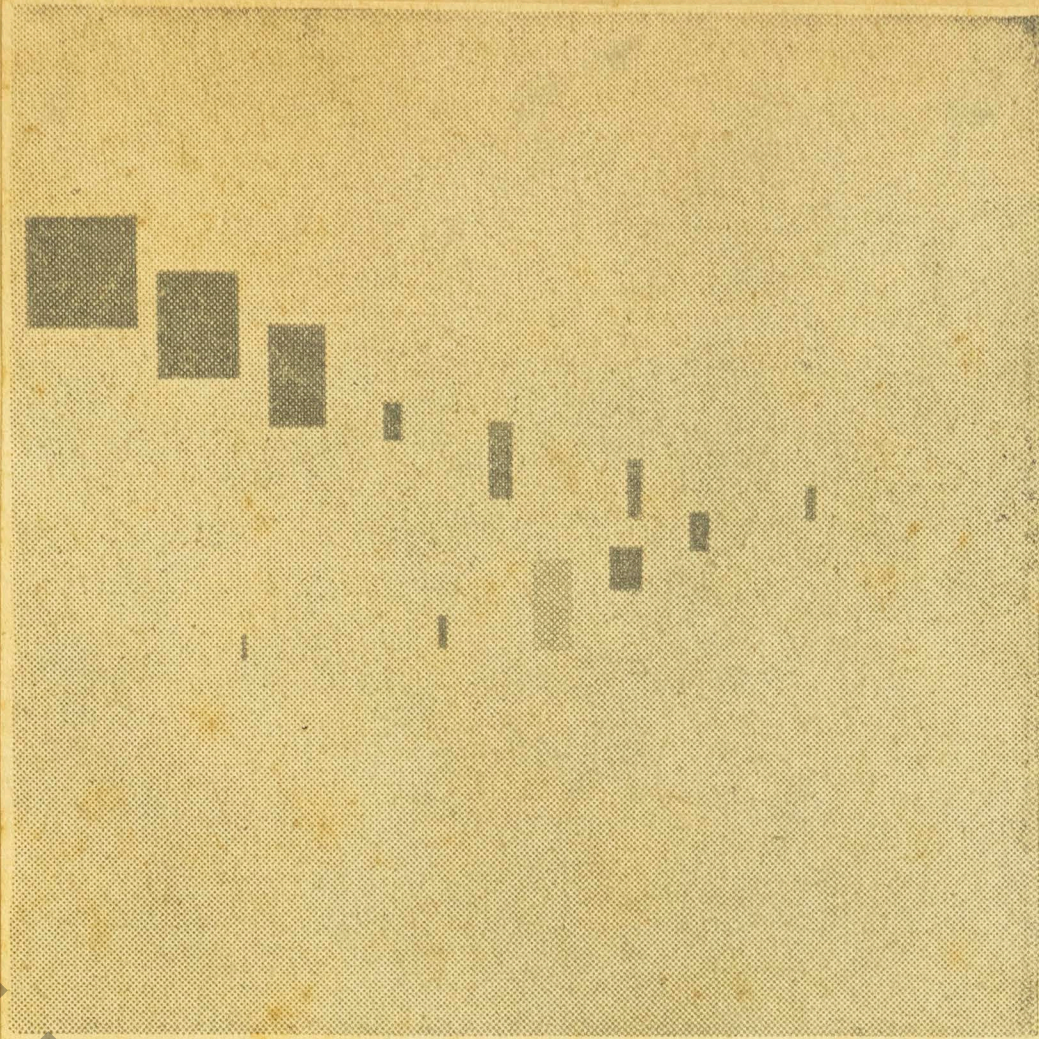


EXPOSIÇÃO DO GRUPO FRENTE

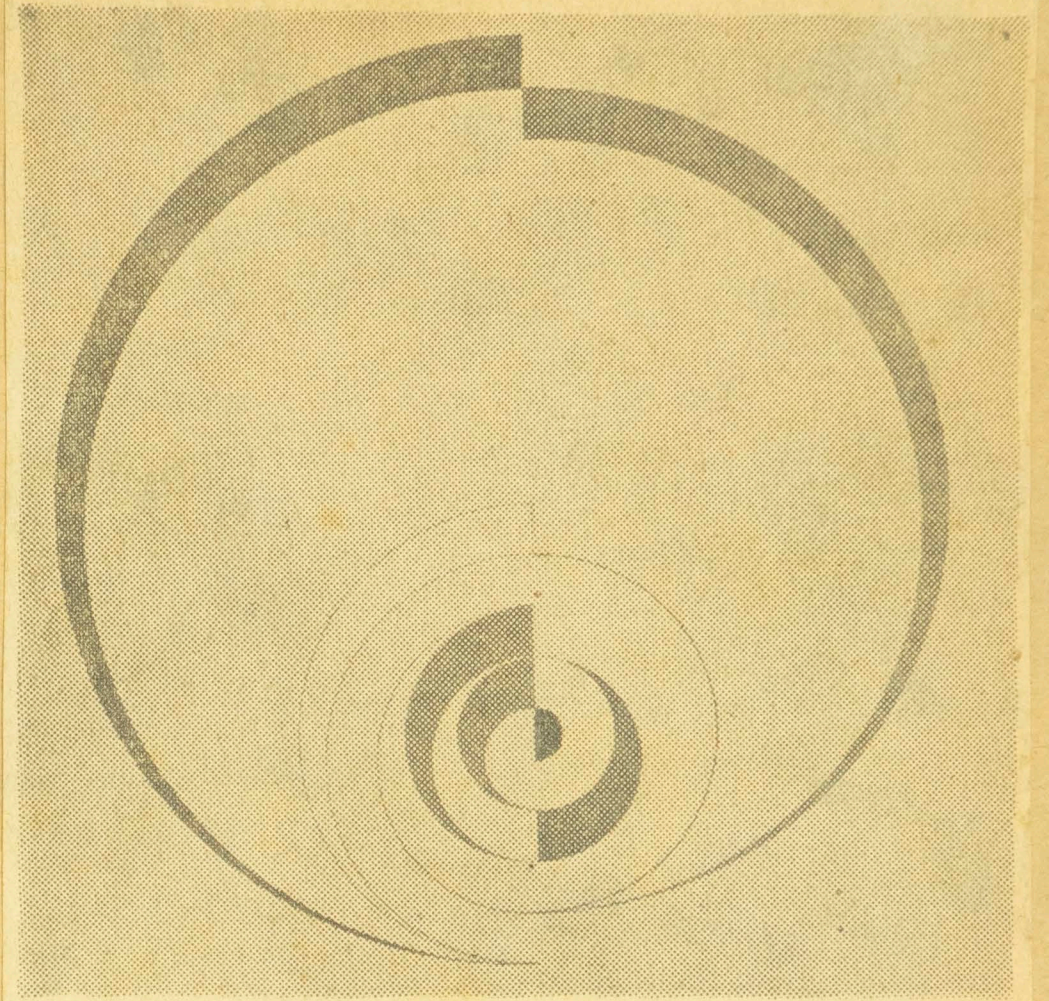


GRUPO Frente vai encerrar amanhã sua exposição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Reúne esse grupo jovens que praticam a arte de vanguarda, na pintura, na gravura, na escultura e até nas artes decorativas e na modelaria.

São quase todos concretistas, com duas únicas exceções de figurativos: Elisa Martins da Silveira e Carlos Val. Nasceu o grupo no "atelier" livre de pintura mantido pelo M.A.M. e orientado pelo pintor Ivan Serpa, que é, por unanimidade, considerado o chefe do grupo.

Entre os expositores do Museu encontra-se João José, do qual é a pintura que ilustra o clichê. A exposição estará aberta amanhã (último dia), das 12 às 19 horas.

tribuna da imprensa 13-14 agosto 1955.



AMANHÃ, às 18 horas, no Museu de Arte Moderna, o grupo vanguardista orientado pelo pintor Ivan Serpa vai abrir sua segunda mostra, tendo a primeira sido realizada, em 1954, no Instituto Brasil-Estados Unidos.

A mostra de agora reunirá os seguintes artistas: Erick Baruch, Aluísio Carvão, Lígia Clark, João José da Silva Costa, Vincent Ibberson, Rubem Mauro Ludolf, César Oiticica, Hélio Oiticica, Abraham Palatnik, Lígia Pape, Ivan Serpa, Carlos Val, Décio Vieira, Elisa Martins da Silveira e Franz Weissmann.

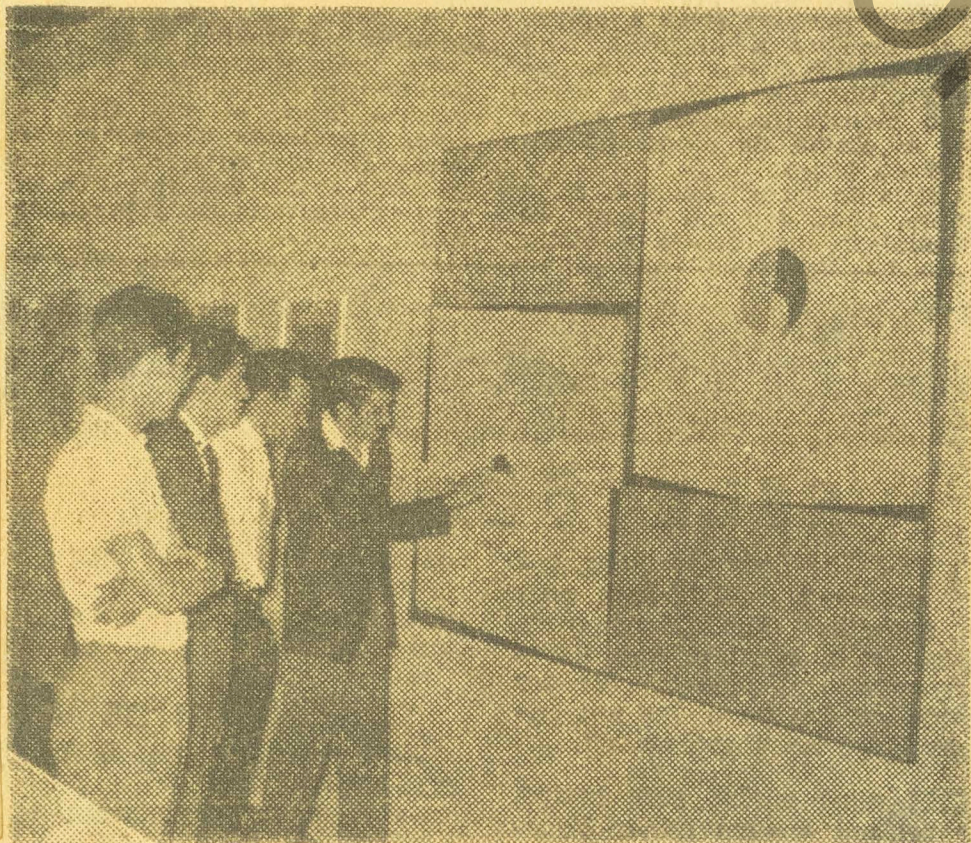
Com exceção de Elisa Martins e Carlos Val, figurativos, todos os outros são concretistas. Serpa e Elisa alcançaram prêmios na última Bienal de S. Paulo.

No clichê "Pintura 95", de Ivan Serpa.

tribuna da imprensa 12 de julho de 1955.

ARTES PLÁSTICAS

HOJE, O GRUPO FRENTE



NO Museu de Arte Moderna, às 18 horas de hoje, será inaugurada a exposição do Grupo Frente, que congrega um conjunto de artistas de vanguarda, do Rio e de Petrópolis.

Ivan Serpa, criador do grupo (era professor de um curso do MAM e acabou convidando seus alunos para formarem ao seu lado, como colegas), afirma que o intuito do grupo sempre foi, e será somente um: fazer boa arte.

Na mostra de hoje, estarão presentes: Erick Baruch, João José, Vicent Ibberson, Lígia Pape, Décio Vieira, Aluísio Carvão, César Oiticica, Hélio Oiticica, Franz Weissmann, Elisa Martins da Silveira, Carlos Val, Abraham Palatnik, Rubem Mauro Ludolf e Ivan Serpa (autor do belo painel que aparece no clichê). Mostrava, na ocasião (ontem de tarde) um detalhe a Aluísio Carvão, Mauro Ludolf e Carlos Val.

tribuna da imprensa - 14 de julho de 1955.



EXPOSIÇÃO DO "GRUPO FRENTE"

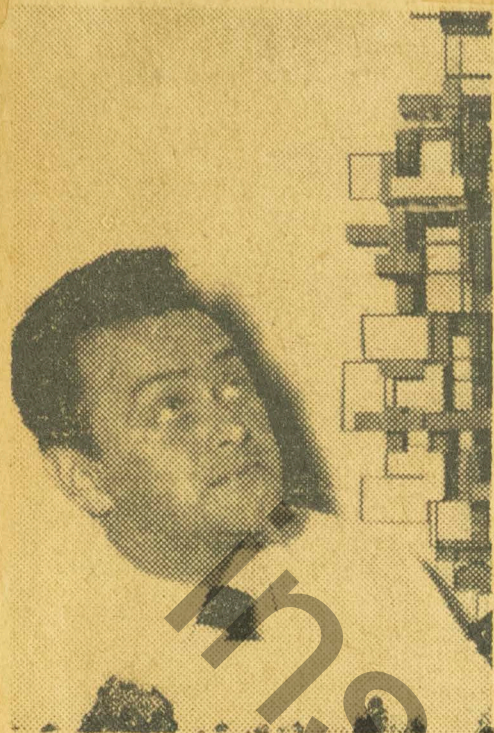
A FOTO acima mostra um aspecto da inauguração, ontem, da exposição do "Grupo Frente", no Museu de Arte Moderna, conjunto que obedece à orientação de Ivan Serpa e do qual fazem parte jovens artistas da nova geração antifigurativista.

o jornal - 15 de julho de 1955.

IVAN SERPA vai apresentar o seu Grupo Frente no Museu de Arte Moderna em data próxima. Comparando na III Bienal com trabalhos em "collage" apenas, o jovem artista não-figurativo trabalha discretamente em uma nova técnica a propósito da qual vem guardando sigilo. A capacidade de inventiva, a inquietação e a pesquisa contínua de Ivan são das suas mais destacadas virtudes.

*13 de maio de 1955
correlis da mancha*

Valores novos:
ALUISIO CARVÃO



Começou ilustrando revista em Belém. Em 1946, no Amapá fez as primeiras pinturas, participando no mesmo ano do Salão Paraense, onde obteve prêmio especial. Em 1947, expôs individualmente no Amapá e em 1949 participou de uma exposição em Montevidéu. Em 1952, ingressou no Curso Livre de Pintura, de Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna do Rio. No mesmo ano realizou mostra individual no Assírio. Em 1953 participou da I Exposição de Arte Abstrata de Petrópolis, expondo também no III Salão Nacional de Arte Moderna e na 1ª. exposição do "Grupo Frente", na galeria do I.B.E.U. Integra a representação brasileira do Mês Brasileiro em Paris, com pinturas, e está bem representado na III Bienal. É membro fundador do "Grupo Frente", que atualmente realiza uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio.

— Comecei fazendo pintura figurativa à maneira dos impressionistas. Hoje a linguagem não-figurativa é a que me preocupa, e a mudança de linha foi muito espontânea, conseqüente da própria fisionomia do nosso tempo. Aprecio muito a obra de Van Gogh e Cezanne, de Picasso como revolucionário, Mondrian, Klee e Calder, que considero os grandes renovadores, verdadeiramente criadores que deram uma contribuição essencial à arte do nosso tempo. Gostei muito de Cícero Dias e Portinari. Hoje talvez goste menos, mas tenho por eles um grande respeito, embora atualmente não tenha maior interesse pelo seu trabalho. Gosto mais das concepções de Ivan Serpa, Milton Dacosta e mais alguns".

Carvão acha que o maior obstáculo ao desenvolvimento artístico dos brasileiros é o baixo nível de educação, e que o maior problema do artista brasileiro é o financeiro, a impossibilidade de poder dedicar-se inteiramente a sua arte, que não lhe fornece meios para manutenção. Possui um curso de especialização para professor de Desenho, Modelagem e Arte Aplicadas "mas não encontrei ainda possibilidades de fazer uso destes conhecimentos". É desenhista técnico do D.N.E.R., onde raramente tem oportunidade de trabalho mais artístico, sem possibilidades, portanto, para criar, pois "desenho técnico é cheio de convenções rígidas limitadoras".

— Estou entusiasmado com o "Grupo Frente", pela seriedade e compostura com que seus camaradas encaram os problemas da arte do nosso tempo. Acredito que esse pequeno núcleo de artistas que agora expõe pela 2ª. vez dará resultados positivos em meio a toda essa luta dos artistas contemporâneos para dar um estilo à sua época.

correio da manhã
9 de agosto de 1955.



Exposição do Grupo Frente

TRES mulheres — Ligia Clark, Ligia Pape e Elisa Martins da Silveira — tomarão parte na exposição que o Grupo Frente inaugura, amanhã, às dezoito horas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Trata-se de um grupo de vanguardistas, composto de pintores e gravadores concretistas, do Rio e de Petrópolis, entre os quais estão alguns nomes muito familiares ao público frequentador de exposições, como, por exemplo, Ivan Serpa, Aluisio Carvão, Décio Vieira e Abraham Palatnik.

Somente dois artistas figurativos estão incorporados ao grupo: Carlos Val (de somente dezessete anos e já elogiado por grandes críticos do Brasil e da Europa) e Elisa Martins da Silveira, que concorreu à II e à III Bie-

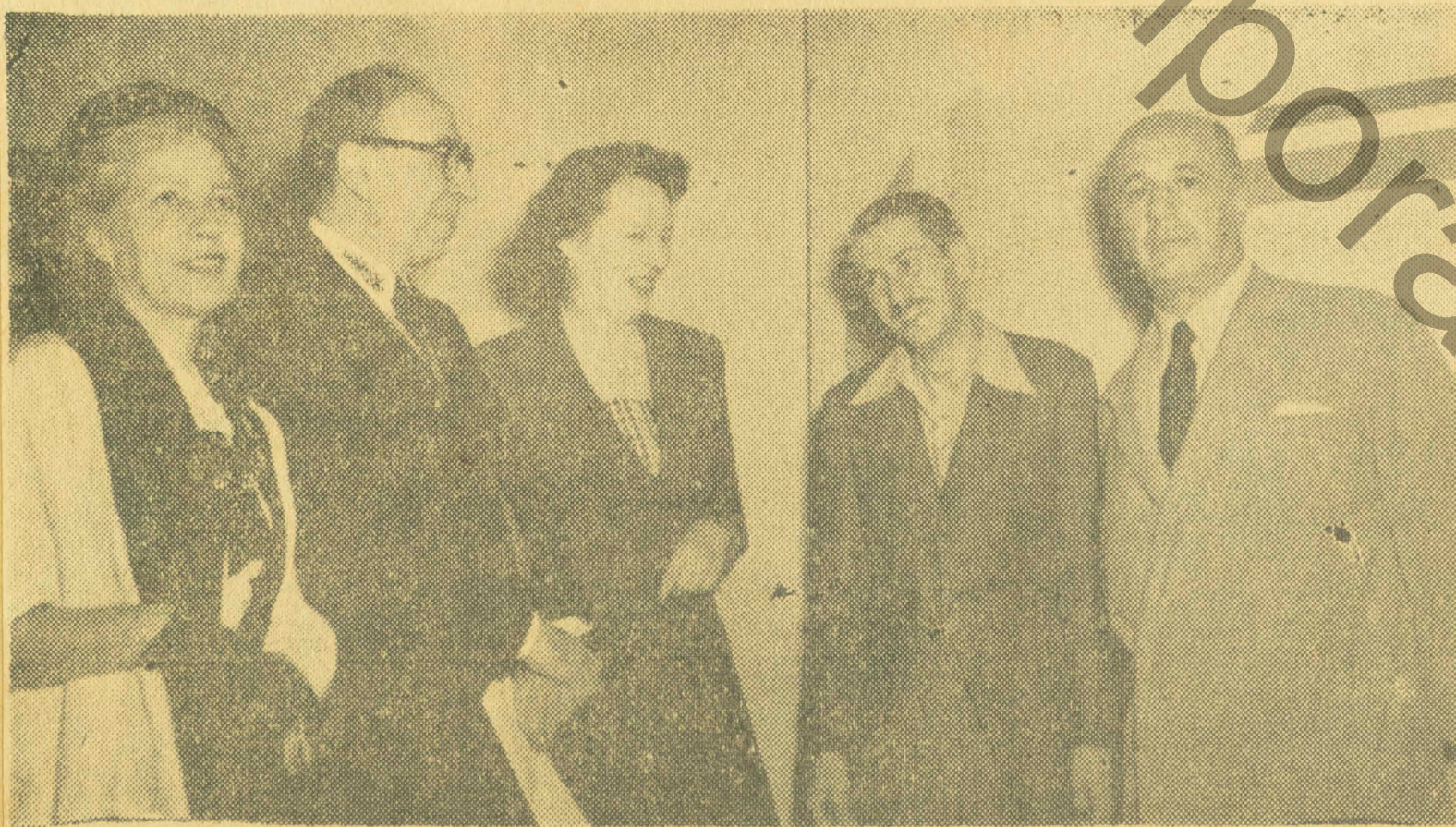
nais de São Paulo, sendo premiada em ambas.

De Elisa Martins da Silveira é o óleo reproduzido no clichê e que se intitula "Boi Preto". Em recentes declarações à TRIBUNA DA IMPRENSA, Elisa afirmou que prefere memorizar assuntos de sua terra natal (nasceu no Piauí) a se valer das paisagens de Copacabana, onde mora.

As duas Ligias são também figuras bastante conhecidas, nas artes plásticas contemporâneas no Brasil. Ligia Clark está sempre renovando suas pesquisas, numa insatisfação que é a marca do verdadeiro artista. Quanto a Ligia Pape, entregou-se agora aos mais profundos estudos de gravura, que é o que vai expor a partir de amanhã.

tribuna da imprensa 13 de julho de 1955.

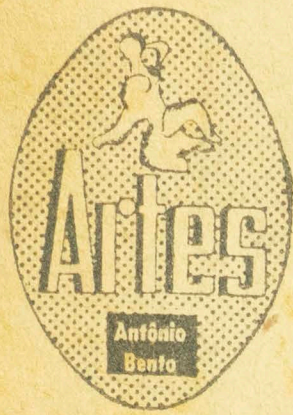
ARTES PLÁSTICAS O "Grupo Frente" no M. A. M.



Na exposição do "Grupo Frente" aberta atualmente no Museu de Arte Moderna do Rio (Rua da Imprensa 16-A) entre 12 e 19 horas, vemos o pintor Ivan Serpa, líder dos jovens artistas que integram esse núcleo, com o embaixador Maurício Nabuco, presidente do Museu, o sr. Barreto Pinto, representante do ministro da Saúde, e as sras. Matilde Pereira de Souza (administradora da instituição) e a sra. Andréa Gama Fernandes

correio da manhã 27 de julho de 1955.

O ECLETISMO DO "GRUPO FRENTE"



Estará o "Grupo Frente" na vanguarda da criação artística brasileira? Seus componentes acreditam que isso de fato se verifique, mas essa é uma mera suposição, sem base na realidade. A tendência concretista,

seguida por alguns deles, não somente está superada na Europa, como constitui um dos galhos mais mirrados da árvore abstrata. Aliás, nos últimos anos, o aparecimento dos "concretos" na Argentina e no Brasil, obedecendo ao figurino dos suíços (Max Bill e Sophie Tauber-Arp) foi um fenômeno puramente acadêmico, igual a tantos outros registrados ao longo da vida artística do país, a partir da primeira metade do Século XIX.

Do mesmo modo que, há poucos anos, os acadêmicos faziam aqui naturezas-mortas com tachos de cobre reluzente, os concretos fabricam hoje suas composições com quadrados minúsculos, confetis e pauzinhos de fósforos. Falam muito na conquista de um novo "espaço", já conquistado ou desvirginado desde os egípcios. Esse tipo de quadro foi considerado acadêmico desde os primeiros Salões das "Realités-Nouvelles" realizados em Paris, depois da última guerra mundial. Mas, aqui é tido paradoxalmente, como avançado, o que não deixa de ser uma corrente ingenuidade, ou apenas uma pretensão provinciana.

Não nego talento a alguns dos expositores do "Grupo Frente", entre os quais Lígia Clark e Ivan Serpa. Mas, nego-me a concordar que o seu movimento esteja na vanguarda da arte brasileira, conforme tem sido proclamado.

Aliás, essa questão é puramente de ordem subjetiva. Cada um pode pensar o que quiser, a respeito do avanço ou do progresso de sua posição artística. Quem quer que examine o panorama das artes plásticas da Europa, desde o Romantismo, pode verificar como se enganaram os pintores que se acreditavam na vanguarda da criação de sua época. Quasi todos, na realidade, estavam na retaguarda, enquanto os verdadeiros criadores, os que efetivamente marchavam na vanguarda, eram tidos como marginais, quando não eram de todo ignorados.

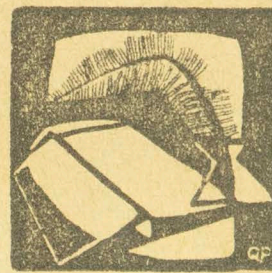
Surpresa idêntica pode ocorrer com relação ao conjunto do "Grupo Frente" cujo ecletismo depõe contra a coerência e a unidade artística do movimento. E também contraria sua ambição de concorrer para dar, no terreno das artes plásticas, um estilo à nossa época, propósito em que se empenham os adeptos da abstração.

*diário cariaca
11 de agosto de 1955.*



Geir Campos

GRUPO «FRENTE» — Ivan Serpa, E. Baruck, João José da Silva Costa, Vincent Iberson, Lygia Pappe, Décio Vieira, Lygia Clark, Aloisio Carvão, César Oiticica, Hélio Oiticica, Franz Weissmann, Elisa Martins da Silveira, Abraão Palatnick, Carlos Val e Rubem Ludolf são os artistas plásticos que atualmente integram o chamado «Grupo Frente», nascido entre alunos adultos do pintor Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



Interrogado por um cronista especializado, sobre a estética do Grupo, mestre Ivan Serpa sintetizou-a numa legenda: «boa arte».

«Embora em certos casos quase totalmente isenta de emoção, a experiência estética não há de ser um acontecimento frio» — escreveu Eliseo Vivas em seu ensaio «A Definition of the Aesthetic Experience», e era nisto que estávamos pensando ao visitar, em sua inauguração, a mostra coletiva do «Grupo Frente», que ora se encontra no Museu de Arte Moderna.

diário de notícias de 28 de julho de 1955.

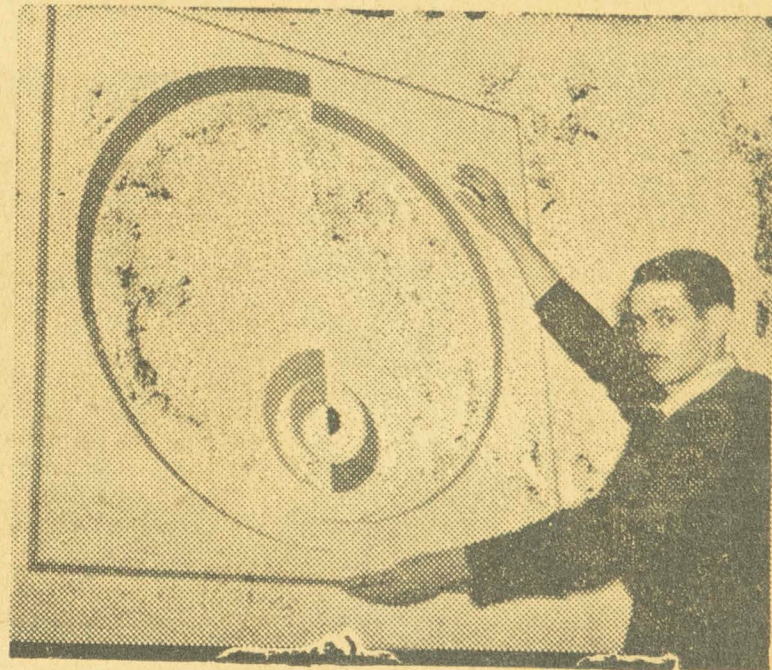
ARTES PLÁSTICAS

EM POUCAS LINHAS...

Censuram-nos alguns amigos o espaço dado aos pintores que surgem, alegando uma certa e natural — precariedade artística dos mesmos. Estes amigos não têm razão por vários motivos que seria ocioso enumerar, bastando indagar: qual o "novo", e principiante que não aparece geralmente com deficiências? Não seria uma forma inteligente ou esperta de contrabalançar os nossos pecados ajudando quem começa? Não será, enfim, uma aspiração justa colaborar para a renovação dos valores artísticos fugindo um pouco da cômoda situação de eterno aplauso aos consagrados das artes no país? Entre os vários pecados e crimes do homem adulto, diariamente digerido pela mais elástica das conformidades, existe um que não merece a mínima tolerância, seja do ponto de vista artístico ou humano: desprezo, amordacamento ou destruição da fé, coragem e puro entusiasmo dos jovens que começam.

Há uma fadiga enorme de vaidades, auto-suficiências, produção comprometida, preocupações pessoais, e uma sede imensa de pureza e renovação. O ar está viciado no compartimento adulto das artes plásticas: os jovens são aquela pequena vigia que embora precariamente garantem a renovação da atmosfera.

Isso tudo, afinal de contas, não passa de um imenso lugar comum, mas qual a alternativa, senão explicar que o tijolo é duro quando alguém se lança de cabeça contra um muro?



Aí vemos Ivan Serpa, o jovem talentoso artista já por duas vezes premiado na Bienal de São Paulo, professor do Museu de Arte Moderna do Rio e líder do Grupo Frente, que fundou e anima norteado por ideais altos. Posa ao lado de uma de suas composições. Um artista novo e original que exige a visita dos leitores no Museu de Arte Moderna do Rio, à rua da Imprensa, 16-A.

*correio da manhã
23 de julho de 1955.*

Imporânea

1.ª EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA EM V. REDONDA

Despertou invulgar interêsse a mostra artística

Em ambiente festivo, foi inaugurada, na noite de vinte e três de junho, no pátio do Colégio Macedo Soares, em Volta Redonda, a Primeira Exposição de Arte Moderna, patrocinada pelo Museu de Arte Moderna e pela Companhia Siderúrgica Nacional.

Os quadros então expostos despertaram grande atenção, não só pela sua beleza artística, como pelo renome dos seus autores, tendo a mostra atraído a presença de numeroso público.

O ato inaugural contou com a presença dos srs. Paulo Mendes e Renato Frota Azevedo, Diretor Secretário e Diretor Industrial da CSN, Júlio Bueno Brandão, Joaquim Gonçalves Moreira, Mauro Mariano da Silva, Ferdinando Garcia Pereira, além de senho-

ras da sociedade voltarredondense e outras pessoas gradas.

Comentando os trabalhos expostos e o espírito artístico que presidiu a sua elaboração, o sr. Ivan Serpa fez uma cuidadosa narrativa dos propósitos de cada autor, salientando as motivações de cada quadro.

Para participar do lançamento da Exposição, estiveram em Volta Redonda artistas do "Grupo Frente", srs. Aluísio Carvão, Ivan Serpa, Décio Vieira, Lygia Pepe, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Elisa Martins da Silva, César Oiticica, Erich Baruch, João José da Costa, Vicente Ibbertson, Rubem Mário Ludolf, Abraham Palatnik, Carlos Val e Franz Weismann, que foram acompanhados do Engenheiro Mário Nacinovic.



Ai está Aluísio Pavão, paraense, apresentando uma das "Construções", inegavelmente um dos trabalhos que despertaram mais interesse na mostra da gente nova

A Primeira Mostra do «Grupo Frente»

Deixa boa impressão o trabalho dos jovens artistas plásticos — Sucesso no Museu de Arte Moderna

A PRIMEIRA mostra do "Grupo Frente", instalada, ontem, no Museu de Arte Moderna, constituiu a nota mais destacada sobre o que se fez em artes plásticas, esta semana, no Distrito Federal. A exposição está sendo patrocinada pelo próprio Museu e o sucesso de sua apresentação surpreendeu às expectativas mais otimistas.

Gente nova impressionando bem

Os comentários mais frequentes, entre as pessoas que ali compareceram, eram sobre a boa impressão causada pelo "vernissage". Gente nova expando pinturas, esculturas e arquiteturas, em obras que despertaram o interesse dos presentes.

O embaixador Mauricio Nabuco, presidente do Museu de Arte Moderna, não escondeu o seu contentamento diante dos novos artistas e dos seus convidados. E disse, mesmo, que aquela era uma grande tarde para o Museu. Os jovens artistas estavam à altura do sucesso obtido pela mostra.

O "Grupo Frente" é composto por Lygia Pape, Ivan Serpa, Vicente Ibberson, Cesar Oiticica, Abraham Palatinick, Eric Baruch e outros.

Museu de Arte Moderna de Sacra Família

Foi inaugurado no último domingo, 23, conforme antecipamos, o Museu de Arte Moderna de Sacra Família. Os fundadores do novo museu, a população local e os artistas que prestigiaram a magnífica idéia viram, assim, coroados seus esforços no sentido de dotar aquela vila do Município de Vassouras de um museu que vem contribuir, também, para o desenvolvimento do gosto pelas artes plásticas e divulgação das obras de pintores modernos no interior. Constituiu, assim, aquela inauguração autêntico êxito e grande avanço no nosso movimento artístico, facultando ao público em geral a apreciação de trabalhos de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, Iberê, Serpa, Santa Rosa, Milton da Costa, Schaeffer, Benjamim Silva, Djanira, Malagoli e outros. A exposição inaugural terá a duração de 60 dias.

o globo - 28-6-1957

O Sr. Ivan Serpa quando fazia sua preleção, ao ensejo da inauguração da Primeira Exposição de Arte Moderna em V. Redonda



oito pintores e um modelo



IVAN SERPA — Concretista. Atualmente, não penso em abstracionismo concreto nem em nenhum ismo. O que procuro é a essência de mim mesmo. Não sinto necessidade de fazer a figura humana, apesar de todo o respeito que lhe voto. Discordo de que o pintor deva viver só em função da pintura. Ele deve viver, também, em função do ambiente, preocupando-se com o todo e não somente com partes. Quando chegarmos a um nível de desenvolvimento não somente técnico mas também cultural o povo compreenderá a pintura moderna. Mas os artistas não podem parar.

manchete - 27 agosto de 1955.

Exposição de Arte Moderna em V. Redonda

Sob o patrocínio do Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, foi inaugurada ante-ontem, dia 23, nos salões do Colégio Macedo Soares, em Volta Redonda, uma grande mostra de arte moderna do "Grupo Frente" que, liderado pelo consagrado pintor Ivan Serpa, reúne artistas de grande projeção no panorama artístico nacional.

Da Exposição de Arte Moderna inaugurada em Volta Redonda, sobre a qual "O Lingote" dará noticiário mais detalhado em seu próximo número, participam os seguintes artistas: Ivan Serpa, Aluizio Carvão, Hélio Oiticica, Décio Vieira, Lygia Pape, Lygia Clark, Elisa Martins da Silveira, Erich Baruch, João José da Silva Costa, Vicent Ibbertson, Rubem Mario Ludolf, Abraham Palatnik, Carlos Val e Franz Weissmann.

*O Lingote
25 de junho de 1956.*



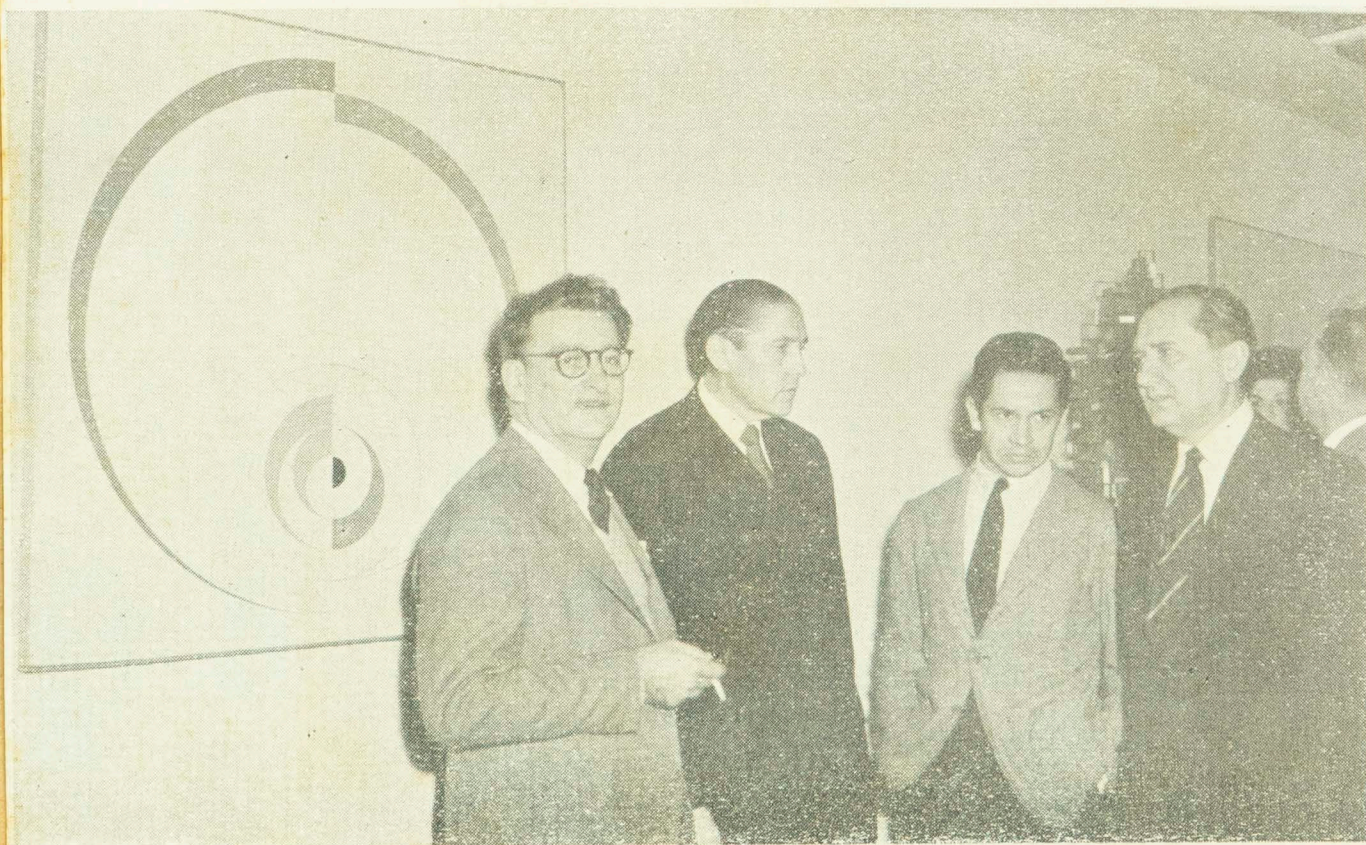
O GRUPO FRENTE NO ITATIAIA

Domingo próximo, 18, o Grupo Frente, do qual fazem parte alguns jovens artistas de vanguarda, entre os quais se contam vários conhecidos fora do Brasil, fará realizar uma exposição no Itatiaia Country Club, situado na rodovia Presidente Dutra, perto das Agulhas Negras. Participarão da mostra Ivan Serpa (na foto), Aluizio Carvão, Hélio Oiticica, Décio Vieira, Elisa Martins da Silveira, Franz Weissmann, Mauro Rubem Ludolf, Abraham Palatnik, Lígia Clark, Lígia Pape, Vincent Ibberson, Eric Baruch, César Oiticica, Carlos Val e João José da Silva Costa. Comparecerão artistas, críticos e jornalistas, que serão recepcionados, com um almoço, pelo presidente do I. C. Club, sr. Arnaldo Duarte.

manchete - 17 de março de 1956.

GRUPO "FRENTE" NO MAM

É louvável o gesto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em apresentar ao público carioca os trabalhos dos jovens artistas "concretos" do grupo "Frente". Em meio à pasmaceira do ambiente artístico do Rio, onde se sucedem as mais extravagantes exposições ditas de arte e que são, na verdade, o resultado de um equívoco e de uma demissão em face da verdadeira natureza da criação artística, a presente mostra desse grupo de pintores e escultores conscientes de sua missão, apaixonados por seu trabalho, é um protesto, um exemplo e uma resposta às falsas atitudes estéticas. E tudo isso sem falar senão pelo resultado de suas pesquisas: por suas obras. É incontestável a vitalidade criadora do conjunto. Desde os mais seguros de sua expressão, como um Weissmann, cujas esculturas indicam uma plena maturidade, ou Ivan Serpa, incansável e inesgotável nas suas invenções, até os estrepentes, como os irmãos Oiticica, todos nos mostram uma rebeldia consciente e frutífera, uma arrojada vontade de renovar. Há alguns anos atrás, a crítica tímida, medrosa de errar, olhava com pessimismo as tentativas dos primeiros artistas abstratos do Brasil. Exceto Mário Pedrosa, cuja ação em favor do rejuvenescimento das artes plásticas entre nós é inestimável, todos os demais críticos se opunham à nova tendência. Hoje diante dessa prova de vigor que nos dá o grupo "Frente", não sei de que argumentos se valerão para confirmar os seus prognósticos pessimistas. No próximo número desta revista, trataremos mais detidamente dos trabalhos que compõe a atual exposição do MAM.



Senhores Roberto Burle Marx, Jorge Moreira, Jayme Mauricio e Antonio Bento



Ivan Serpa — "Pintura n.º 95" (Grupo Frente)

revista rio magazine — agosto de 1955.

OS ABSTRATOS NAS SUAS FONTES

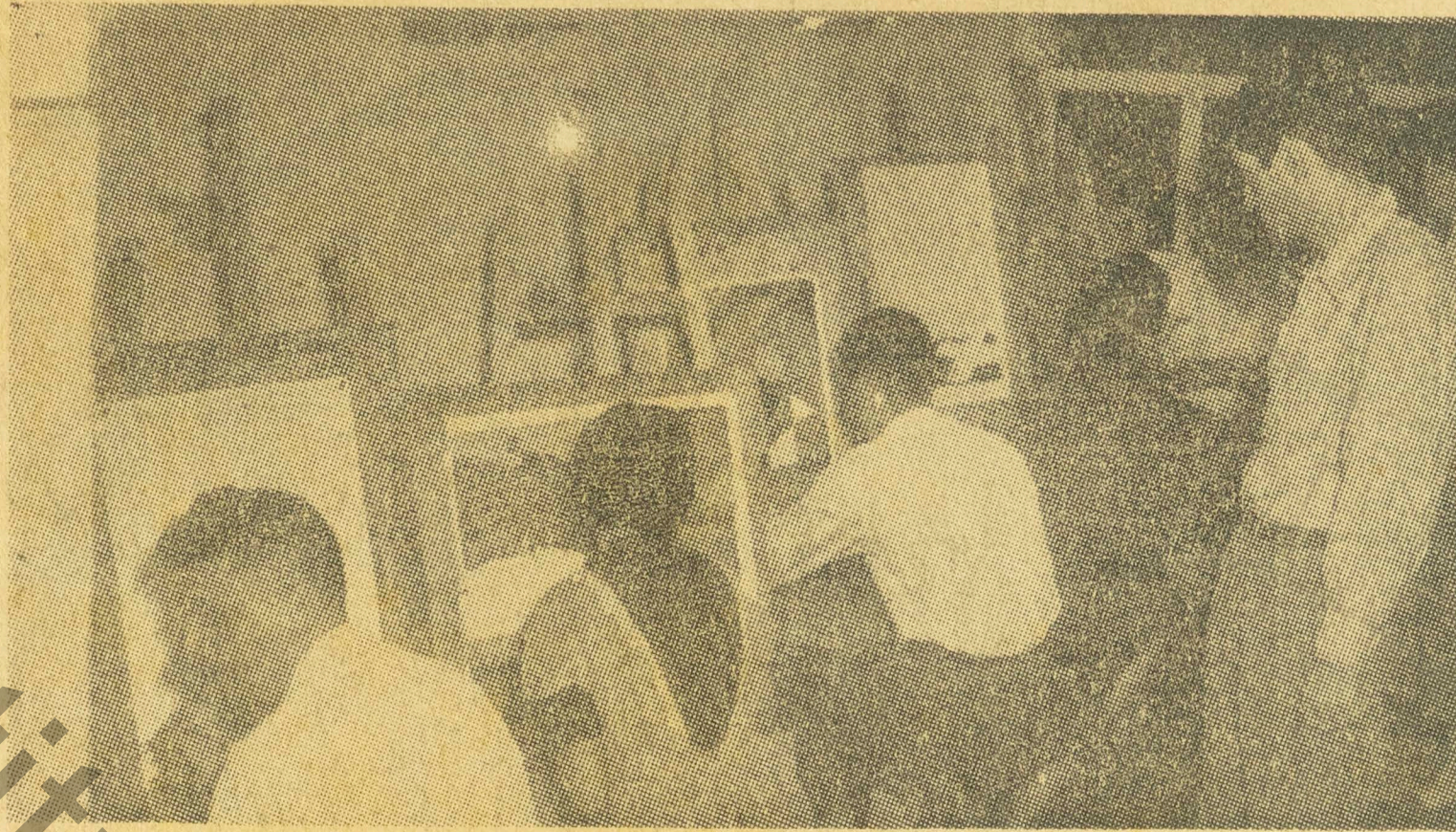


Mário Pedrosa e seu grupo de discípulos cariocas (Serpa, Palatnik, Lygia Pape, Aloizio Carvão) e também a pintora primitivista Elisa Martins da Silveira num grupo junto à Exposição do Cubismo do Museu de Arte Moderna do Rio, aberta todos os dias entre 12 e 19 horas, exceto às 2^{as} feiras na rua da Imprensa, 16-A. Como se sabe, a versão mais insistentemente repetida acerca do abstracionismo é que teve suas raízes no cubismo, apesar de grandes ensaístas afirmarem em contrário esclarecendo que se trata de movimentos paralelos (Mondrian vivia em Paris no auge do Cubismo e não fez pintura cubista). Mário Pedrosa que é, sem dúvida, o animador dos pintores concretos do Rio, acredita na primeira hipótese parecidos e levou seus discípulos às fontes, aos austeros e geniais avós do concretismo lembrando possivelmente que aquelas obras esperam, ansiosamente, um indício de gênio neste ramo brasileiro de seus descendentes

correio da manhã - 26 de março de 1955.

instituto de arte contemporânea

IVAN SERPA INICIA ALUNOS NO MUNDO DAS FORMAS E CÔRES



Sob o olhar atento de Serpa, os alunos se lançam na sedutora aventura da criação

Ivan Serpa é um jovem artista já bastante conhecido que carrega o peso de vanguarda do movimento não-figurativo da capital federal. Divide seu tempo entre pesquisas intensas dentro de uma linguagem plástica despurada e ascética, alheia a qualquer emoção romântica e sugestão orgânica, o ensino de pinturas às crianças e adultos do Museu de Arte Moderna do Rio, em outras escolas e na formação de um núcleo d'avant garde — o Grupo Frente — que em breve se apresentará na sala do Museu de Arte Moderna. Em nossa opinião Ivan é o mais consciente, trabalhador e honesto de todos os não-figurativos, tendo já passado por uma fase narrativa e anedótica muito boa, ainda que rápida. Talvez se possa discordar de um certo acoadamento antfigurativista do jovem mineiro, mas o que não se pode colocar em dúvida é a autenticidade da sua procura, sua cultura artística e o seu empenho quotidiano para renovar, para criar algo próprio, para inventar.

A respeito, recentemente, escreveu Leon Degand, crítico de *Art d'aujourd'hui*, o seguinte trecho:

“Les collages du jeune Ivan Serpa Ferreira produisent un délicieux contraste (com a obra de outros brasileiros na Bienal de Veneza). Serpa possède à un très haut degré le sens plastique, le don de découvrir les convenances réciproques des formes et des couleurs au sein d'une composition. Et si Serpa, en outre, s'exprime, c'est sans le vouloir, le plus naturellement du monde, avec beaucoup de grâce. Pourvu qu'il ne se laisse jamais aller à la facilité!”

O PROFESSOR

Com características tão acentuadas na sua produção não-figurativa, seria interessante verificar o método de ensino de Ivan Serpa no seu *Atelier Livre de Pintura*, no Museu de Arte Moderna do Rio. E lá fomos ficando com o artista e seus discípulos durante duas horas.

Inicialmente, os alunos são colocados diante de suas pranchas, com todo o material necessário, ao desenho ou à pintura — e desenharam ou pintaram o que bem entenderem, enquanto Serpa vai de um ao outro, atento, observando a progressão do trabalho. Nota-se um certo constrangimento entre os rapazes e moças, sobretudo entre os mais velhos: dir-se-ia estarem algo surpresos com o método, ou sentirem a falta de um apoio, vamos dizer, de algo para copiar — u'a máscara, um nú, uma abóbora, como mandam os velhos processos.

Esta foi a nossa impressão. Serpa, porém, não transige: o aluno deve fazer qualquer coisa da imaginação, algo que o tenha impressionado anteriormente e que deverá expressar no papel, errado e grotesco que seja. E assim obriga-o à uma comunhão íntima com suas emoções, com os contactos sensoriais, a estar com eles mesmos, compenetrados. Depois de algum tempo, quando os estudantes já realizavam algo, a prática é interrompida e o professor inicia a crítica sobre os trabalhos, permi-

tindo, antes, que cada aluno faça isoladamente e em voz alta o comentário dos trabalhos. Alguns relutam mas Serpa é implacável, embora suave:

— Diga qualquer coisa, invente palavras, mas diga algo. Mesm o que o trabalho não lhe sugira nada, diga — as razões por que é nada lhe sugere, porque não lhe dá importância?

E os alunos gaguejantes falam — e falam certo e errado, dizendo coisas sensatas ou tolas, não importa. Duas barreiras foram vencidas; expressam estados de emoção interior em traços e côres e expressam, à viva voz, certos impactos diante de um trabalho, um objeto qualquer, mesmo que gaguejante.

SABER ANALISAR UM QUADRO

Depois que todos os alunos emitem sua opinião, Serpa levanta-se e faz a sua análise dos trabalhos, com seriedade, sem menosprezar qualquer detalhe, (qualquer barbaridade!) Seu respeito pelo aluno é imenso e não se escuta nenhuma zombaria ou exclamação de impaciência.

Um exemplo: o trabalho de certo aluno era constituído por linhas curvas, de certa beleza e movimento, volume equilibrado, sem nada representar, entretanto, numa intenção evidente de fazer uma composição não-figurativa, sugerida, talvez, por algum trabalho visto anteriormente. As opiniões dos alunos tinham sido bastante ingenuas (quase todos são principiantes, explica-se). Serpa fez sua crítica dizendo que o aluno em questão tivera a intenção premeditada de fazer arte não-figurativa, e a composição resultara falha porque o rapaz não estava ainda preparado para tal, não sentia, de fato, o abstracionismo, predominando no seu desenho a linha romântica, a ligação com a figura. E com três traços transformou o trabalho pseudo-abstrato numa cabeça perfeita, diante dos olhos espantados do autor.

— Você não deve fazer abstracionismo porque a sua sensibilidade, seu temperamento vai todo para a figura. Seja, portanto, sincero com você mesmo e trate de trabalhar na figura.

E' evidente que para um jovem tão ardentemente abstracionista como Serpa, aquele conselho valia como um testemunho de consciência e honestidade artística.

Serpa conclui sua aula com discussões com os próprios alunos, respondendo às reclamações sobre o seu método, sobre a “falta de inspiração” fechando tudo com uma bela palestra sobre a integridade profissional e artística do pintor, do escultor; do seu horror à mistificação, ao mau acabamento, à imperfeição, citando exemplos aqui e ali que valem por uma efetiva iniciação à história da arte.

Esta foi uma aula para principiantes. Veremos depois a dos adiantados, muitos dos quais já comparecem aos salões e ganham prêmios.

J. M.

correlis da manhã - 13 de março de 1955.

ARTES VISUAIS

Escola de Arte no Méier

Dentro de um mês, mais ou menos, estará funcionando, à Rua Lins de Vasconcelos, n.º 39, no Meyer, o Instituto de Arte Infantil, cujos organizadores são Ivan Serpa, Alberto Pinedo, Aluizio Carvão, Hélio e César Oiticica e Henry Dobbin — como se vê, o próprio Grupo Frente.

— O objetivo do Instituto — disse à reportagem o pintor Ivan Serpa, — que será ao mesmo tempo uma escola de curso primário comum e uma escola de arte infantil, é acompanhar o desenvolvimento total da criança e integrar, o mais possível, os dois tipos de educação da criança de modo a torná-los mais eficientes e benéficos.

Adiantou o pintor Serpa que até o fim do ano o Instituto de Arte Infantil funcionará com um curso de férias, a fim de dar uma pequena mostra do que se pretende fazer.

ARTE NO MEIER

— O fato da escola ser no Méier é melhor do que parece à primeira vista — declarou o artista. Não só iremos favorecer com uma educação moderníssima às crianças daquele bairro, como prestaremos um serviço à arte, familiarizando aquela gente com a famigerada arte moderna. No nosso Instituto haverá curso noturno, de arte, para adultos, e exposições periódicas de artistas brasileiros da melhor categoria. Quanto a isso seremos exigentes, uma vez que de nada valeria instruir as crianças nas aulas e depois mostrar-lhes pinturas de artistas mediocres. Se não conseguirmos sempre uma exposição de primeira qualidade esperamos oportunidade favorável.

A expôr mediocridades preferimos não expôr nada.

CURSOS

Conta-nos Ivan Serpa que antes de alugarem a casa (já estão pagando aluguel), foram de porta em porta, no Méier, tomando informações sobre o interesse dos moradores com relação a uma escola de tal natureza. Mães e pais mostraram-se entusiasmados, uma vez que não há nas proximidades nem jardins de infância, nem escolas primárias de qualquer tipo que seja.

— Mais um motivo para a nossa iniciativa, acrescenta Serpa.

O Instituto de Arte Infantil terá uma exposição permanente de trabalhos das crianças, que serão substituídos periodicamente. Os cursos de arte serão inicialmente de pintura (a cargo de Ivan Serpa e César



1 — Pintor Ivan Serpa

Oiticica), de gravura (José de Lima e Luis Cândido) e de pintura para adultos (Ivan Serpa e Aluizio Carvão). Mais tarde Alberto Pinedo dará um curso, para adultos, de propaganda comercial e José de Lima e Luis Cândido orientarão o teatro fantoche, de que as crianças participarão tanto na feitura dos fantoches, como escrevendo as peças a serem representadas e movendo os bonecos. A parte de ensino escolar propriamente está a cargo de Herolivia Cardoso de Azevedo, Lúgia C. F. Serpa e Maria Célia Branco, três especialistas nos vários setores da educação infantil. A criança matriculada num dos cursos terá direito às aulas de arte e todas as seções do Instituto.

Contará também o IAI com uma biblioteca (que está sendo formada com doações), uma discoteca e um museu infantil.



2 — Trabalho de um aluno de Serpa. O artista possui dois mil trabalhos de crianças, selecionados, para catalogar. Irão para o Museu de Arte Infantil, do Instituto

17 de setembro de 1957
jornal do Brasil

Contemporânea

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

Jayme Maurício

“Enquette” sobre os prêmios do V Salão

SE FOSSE MEMBRO DO JÚRI, A QUEM DARIA OS PRÊMIOS ?

Mário Pedrosa, crítico

— De um modo geral, este V Salão está fraco, muita indecisão, muito convencionalismo. Não traz nenhuma orientação, nenhuma convicção. Desenho fraco que mostra a pobreza de pensamento da maioria dos artistas que ali expõem. Raros, muito raros aqueles que manifestam alguma personalidade. Se fosse membro do júri daria os Prêmios de Viagem ao Estrangeiro ao pintor Ivan Serpa e ao desenhista Arnaldo Pedroso d'Horta. E o de Viagem ao País a Firmino F. Saldanha.

Hilton Dacosta, pintor

— Estive demoradamente no Salão e já começo a achar que existem prêmios em demasia. . . O nível geral é o de sempre — muita incerteza, muita coisa ruim, coisas boas algumas, enfim os males da seleção. Trabalhos que não poderiam ter entrado ocupando lugar talvez, de outros cortados. Se fosse membro do júri daria o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro ao pintor

Ivan Serpa. Quanto ao segundo prêmio da mesma natureza, seria escolha difícil entre Anísio Medeiros, Arnaldo Pedroso d'Horta, Aldemir Martins, Darel Valença ou Pamplona. Qualquer um deles está em condições de aproveitar a viagem e aperfeiçoar-se.

Flávio de Aquino, crítico

— Nível geral do Salão? — Mediocre, igual ao de sempre. A quem daria os Prêmios de Viagem ao Estrangeiro? Ao pintor Ivan Serpa e ao desenhista Anísio Medeiros. O de viagem ao país daria ao desenhista Arnaldo Pedroso d'Horta.

Murilo Mendes, poeta e crítico

— Embora não tenha visto rigorosamente todo o Salão, dos trabalhos que vi, os que me deram uma impressão mais favorável foram os de Ivan Serpa, que revelam pesquisas mais lúcidas, desenvolvimento maior.

(O poeta não falou sobre outros artistas nem sobre o nível geral do Salão).

correio da manhã - 2 de junho de 1956

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

“ENQUETTE” SOBRE OS PRÊMIOS DO V SALÃO

Se fosse membro do júri, a quem daria os prêmios ?

ANTÔNIO BENTO, CRÍTICO

— O nível do Salão Nacional de Arte Moderna continua baixo — não há progresso nem nada de novo. Os prêmios de viagem ao estrangeiro? Daria ao pintor Firmino Fernandes Saldanha, um artista de importância que muito tem progredido. Ivan Serpa, outro candidato sério, apresenta-se com problemas já muito repetidos. Reconheço que o outro prêmio de viagem ao estrangeiro apresenta-se mais complexo e difícil. Contudo eu o daria ao gravador Aldemir Martins.

FAYGA OSTROWER, GRAVADORA

— O nível geral do Salão não é lá muito elevado. Os jovens, os novos, demonstram pouca inventiva, pouca coragem. As soluções são banais, repetidas, quase clássicas. Acho que se deve, mesmo, acabar com as “isenções de júri”, para que o nível melhore, já que os moços não ousam nada. Como mostra representativa do Brasil, francamente não demonstra nada. Experiências já feitas, caminhos já trilhados, falta de coragem — percebe-se claramente as origens, as filiações. Prêmio de Viagem? Entre os pintores, escolheria entre Firmino Saldanha e Ivan Serpa, que a meu ver são dois artistas com expressão própria empenhados numa pesquisa valiosa.

(Fayga Ostrower não quis responder sobre os outros prêmios).

JOAQUIM TENREIRO, DESENHISTA, DECORADOR

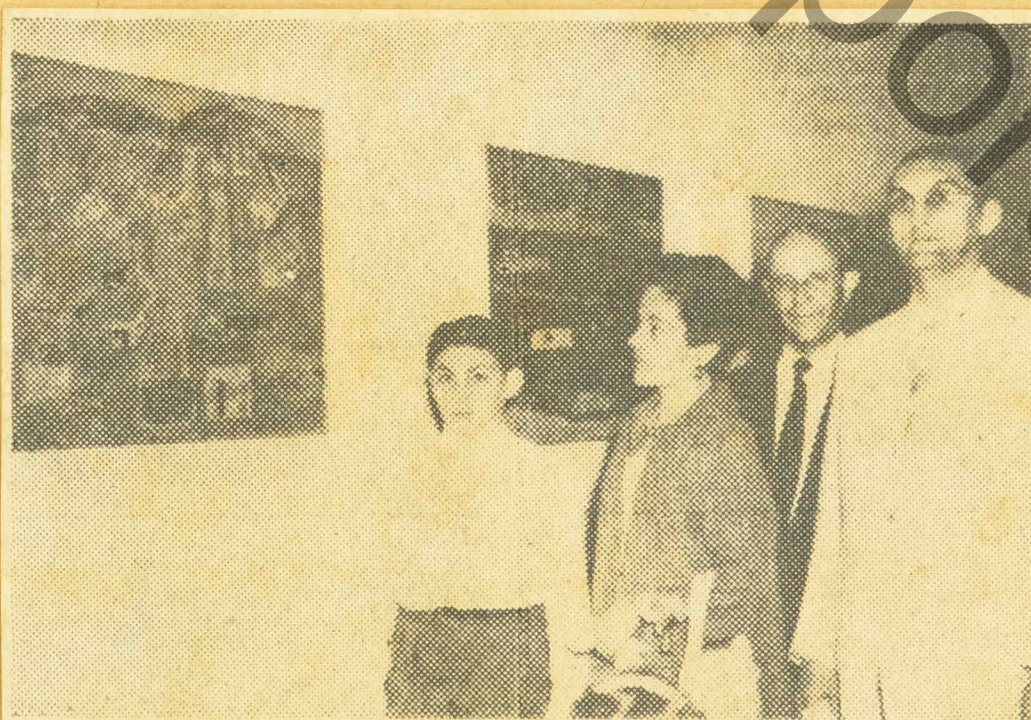
— A meu ver o nível geral, é melhor do que os outros anos, apesar de não ser um progresso muito acentuado. O prêmio de viagem de pintura eu hesitaria entre Firmino Saldanha, cuja pintura conheço bem e admiro, e Ivan Serpa, um jovem de valor que sempre apreciei. Ambos são artistas de valor. Quanto ao outro prêmio, o páreo é duro. Eu ficaria seriamente embarcado na escolha. Todos os candidatos sérios, como Anísio Medeiros, Aldemir Martins, Darel Valença, Arnaldo Pedroso d'Horta, Fernando Pamplona e Alcides Rocha Miranda, são bons candidatos e aproveitariam muito a viagem ao estrangeiro. Não posso me defender por

ninguém deles pois para isso seria necessário voltar muitas vezes ao salão, pensar, meditar, agir, enfim como só os membros do júri poderão agir.

BRUNO GIORGI, ESCULTOR

— Acho que o nível geral do Salão melhorou. Não muito, mas há uma tendência para a melhoria, apesar da disposição das obras neste V Salão ser das piores. Percebe-se que o júri preocupou-se com a boa seleção. A participação dos jovens é o que garante o progresso, sem eles, a mostra seria triste. O prêmio de viagem ao estrangeiro eu daria, em pintura, a Ivan Serpa ou Firmino Saldanha. Quanto ao outro prêmio, acho difícil escolher. Anísio Medeiros, Aldemir Martins, Arnaldo Pedroso d'Horta, Darel Valença e Alcides Rocha Miranda, todos me parecem bons candidatos. A escolha vai ser um sério problema do júri. Esperemos que ele resolva com inteligência.

correio da manhã - 3 de junho de 1956.



EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS MIRINS — Inaugurou-se ontem no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a IV Exposição de Arte Infantil, com 80 trabalhos, executados por 42 crianças, das quais 25 são meninas. Todos os autores têm idade entre 5 e 12 anos e obedeceram à direção do Professor Ivã Serpa. A mostra ficará aberta durante um mês e o clichê reproduz um flagrante de pessoas que já a admiraram.

o globo, 16-12-1955.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO

"MINHA VIOLENTA CAMPANHA" POR IVAN SERPA

Não é muito do meu costume dar explicações sobre as atitudes e a orientação tomadas nesta coluna, exceto quando, por qualquer lapso, as idéias e argumentação resultam pouco claras ou se prestem às interpretações equivocadas. E uma tal norma não foi fácil manter atuando e vivendo num meio onde o individualismo e a sensibilidade exarcebada são as grandes constantes depois do talento. O receio de ser mal interpretado, normal em todos, no homem que escreve em jornal se transforma em obsessão — o hermetismo e a formulação duvidosa são razões suficientes para se abandonar a profissão de repórter. E isso eu já teria feito não soubesse das características peculiaríssimas — e por vezes desanimadoras — das criações marcadas pelo talento.

Agora, entretanto, sou obrigado a abandonar esse heróico "fair-play" (a gente é jovem, a vitalidade é grande, as intenções são puras e a pecunia é tão fraca e tola...) para evitar as perfídias e más interpretações. Trata-se da premiação do V Salão Nacional de Arte Moderna, sobre a

correio da manhã
10 de junho de 1956.

qual eu teria feito intensa pressão, desenvolvendo, como disse um crítico, "violenta campanha em favor do sr. Ivan Serpa, diretor do Grupo Frente e um dos maiores expoentes do concretismo". Outras pessoas, que me merecem mais crédito — e que eu julgava me conhecessem melhor — também insistem, disfarçadamente, nessa tecla. E houve mesmo aqueles que negando lastimavelmente suas declarações à "enquete" desta coluna, insinuaram haver o colunista "ajeitado" a redação das mesmas a fim de favorecer o pintor Ivan Serpa (um deles — é engraçado — já me confiou trabalhos de interpretação e redação de textos analíticos de sua obra...)

Essas circunstâncias todas, como se vê, obrigam-me a certos esclarecimentos, muitos embora os julgemos inúteis para os que observam bem os fatos e não estão contagiados pela amargura ou atingidos pela insatisfação, pela malícia.

Não é novidade para o leitor desta coluna que a lei que criou a Comissão Nacional de Belas Artes e os dois Salões (acadêmico e moderno) nunca teve em mim um defensor. Ao contrário — tanto quanto possível, para não ferir suscetibilidades, procurei sempre mostrar seus equívocos e debilidades. Hoje, com satisfação, verifico que a opinião geral esta concorde comigo, o que não acontecia há dois ou três anos. Não partiria para o V Salão, portanto, com a "alma limpa e o coração puro" ou "cheio de fé e entusiasmo". Acompanhei os preparativos para o Salão com a irritação

com que se vê algo que poderia ser perfeito e belo atacado por certos vírus, nacionais e estrangeiros. E em determinado instante, sensível às dúvidas que inquietavam alguns artistas, não hesitei em fazer o que me pareceu necessário: veicular a inquietação existente, antes de consumados os fatos temidos. Julguem como quiser, estou satisfeito com as conseqüências e com minha consciência.

Há certas coisas que persegue-se mas não se diz claramente, num mínimo de respeito humano, ética e cortezia. Evita-se, da forma possível, entretanto, que as tais coisas atrapalhem. Acreditando, embora, nas boas intenções do júri de premiação, achei de bom alvitre para esta coluna e para todos em geral, promover uma "enquete" entre pessoas credenciadas nos meios artísticos — com as falhas possíveis da minha escolha pessoal — tentando obter críticas sobre o nível do Salão e pronunciamento sobre os prováveis vencedores ao Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Assim ouvi Murilo Mendes, Flávio de Aquino, Mário Pedrosa, Milton Dacosta, Burle Marx, Fayga Ostrower, Antônio Bento, Bruno Giorgi, Maria Martins, Francisco Bolonha, Eneida, Athos Bulcão, Marc Berkowitz, e Inimá de Paula. Concordarão ser este um júri credenciado, pois não? Bem.

Coincidiu, entretanto, haver o pintor Ivan Serpa obtido maioria dos votos deste júri de 14 pessoas, embora para o júri do Salão, de 3 pessoas, ficasse em minoria — não teve nenhum voto. Firmino Sal-

danha foi o segundo escolhido, para o júri o 1.º. Quanto ao outro prêmio de viagem ao estrangeiro, a votação maior da enquete" recaiu em Anísio Medeiros e Aldemir Martins, gravadores, num empate de seis votos.

Tanto Ivan Serpa como Firmino Saldanha são pintores não-figurativos, pesquisando cada um sua linguagem própria — e ambos são muito bons. Qualquer deles que obtivesse o prêmio, para mim estaria bem — e a prova é estarem ambos alegros as paredes de meu apartamento. Nisso tudo enchia-me de certo pavor, apenas, a idéia de haver atuação de grupos e idéias preconcebidas. E o receio de não ser contemplada com o segundo prêmio a magnífica seção de artes gráficas e desenho, indiscutivelmente a mais categorizada de todo o Salão. Creio, sinceramente, que, nesse particular, a "enquete" teve alguma utilidade: a unanimidade foi pelos gravadores e desenhistas. Ganhou Anísio Medeiros, como poderia ter ganhado Aldemir Martins, Darel Valença, Pedroso d'Horta ou Rossini Perez (Fayga Ostrower não concorreu). Qualquer deles está à altura da premiação. Se a isso tudo se pode chamar uma "violenta campanha a favor de Ivan Serpa", sou agora um general tranqüilo e alegremente fracassado. Desgostame, na história toda, é que essas pessoas inquietas subestimem minha tática, estratégia e verdadeiras possibilidades para desencadear, de fato, "uma campanha" — e julguem ser de meu feito uma luta dessa natureza.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

Jayme Mauricio

"Enquete" sobre os prêmios do V Salão

SE FOSSE MEMBRO DO JÚRI, A QUEM DARIA OS PRÊMIOS?

Burle Marx, paisagista e pintor

— O Salão, de um modo geral, apresenta raros trabalhos de interesse. Há muita coisa ruim, muita mediocridade, dando a impressão, também, de que "se trabalhou para o Salão", para os prêmios. Alguns, entretanto, são curiosos. Falta, enfim, trabalhos mais elaborados, mais pensados. Desnecessário dizer que a pintura figurativa, com tendências a contar histórias, não me interessou. Contudo, o Salão já apresenta características mais coerentes com a sua natureza contemporânea. Entre os pintores gostei dos trabalhos de Ivan Serpa e Firmino Saldanha. São muito bonitos os desenhos de Anísio Medeiros e interessante a participação de Fernando Pamplona.

Inimá de Paula, pintor

— Acho que melhorou de certo modo o nível do Salão. Há, entretanto, uma falta de características locais próprias. Percorrendo toda a Europa, em cada país, encontra-se uma pintura quase típica — entre nós, porém, são raros os que procuram exprimir as cores e atmosfera locais. Há também uma grande insistência sobre certo tipo de arte abstrata, muito comum em Paris. As transições artísticas intensas por que passamos geram muita confusão e fica difícil distinguir bem. Alguns artistas resolvem bem os problemas de composição, cor, mas falham na simplificação — outros falham no desenho. Entre os pintores os trabalhos de Firmino Saldanha e Ivan Serpa destacam-se, o último com um gênero de pintura bem cuidada, limpa. Entre os gráficos e desenhistas destaca-se Renina Katz, dona de um sólido conhecimento do métier de gravura, como raramente se encontra na Europa. Há também Darel Va-

lença, de muito boa qualidade, um gravador que na Europa só poderia ver apenas, pois nada mais tem a apreender.

Eneida, cronista

— Achei o nível geral do Salão como os demais: entre o bom e o péssimo — não há o meio termo. Considero a coisa mais importante o trabalho dos gravadores, em conjunto e individualmente. Se fosse membro do júri? Primeiramente, não apregoaria honestidade — seria honesta porque membro do júri. Depois daria o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro ao pintor Ivan Serpa. Quanto ao outro prêmio de viagem, não posso compreender que esse prêmio não seja dado às artes gráficas este ano. E dado a Aldemir Martins. Gostei também da apresentação e trabalhos de Fernando Pamplona, embora considere a decoração ainda muito incipiente no Brasil, em oposição à gravura que entre nós atingiu um nível excepcional. Finalizando, espero que os vencedores estudem de fato na Europa.

Marc Berkowitz, crítico

— Acho o nível geral do Salão de Arte Moderna nem mais alto nem mais baixo que nos anos precedentes; quer dizer que continua sendo bastante baixo, em grande parte por causa da praga dos "hors concours", que conseguiriam baixar qualquer nível. A gravura é sempre melhor que o resto — sendo os melhores trabalhos, na minha opinião, de Fayga Ostrower e de Rossini Perez.

O prêmio de viagem deveria ser dado a Ivan Serpa ou a Firmino Saldanha — aí concordo com os outros, e já que os dois o merecem, acho que o Ivan Serpa o aproveitaria melhor, já que ele vive exclusivamente da pintura. O outro prêmio eu daria a Aldemir Martins.

conversa um termo de segall

IVAN SERPA

— Em 1951, Segall visitou a exposição de meus alunos no Museu de Arte Moderna. Nessa ocasião, disse-me entusiasmado que aquela exposição era uma das coisas mais surpreendentes que já tinha visto. — "Que liberdade de espaço e de cor!" — exclamou ele. "Vou fazer o possível para levar a São Paulo os trabalhos dessas crianças".

A morte de Segall é uma grande perda. Além de Guignard, ele sempre foi para mim o mais importante dos nossos chamados grandes artistas. (Não incluo Volpi que é um "velho mestre" que só surgiu agora).

jornal do brasil

correio da manhã - 5 de junho de 1956.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

Jayme Maurício

“Enquette” sobre o V Salão

SE FOSSE MEMBRO DO JÚRI A QUEM DARIA OS PRÊMIOS?

Francisco Bolonha,
arquiteto

— Achei melhor o nível geral do V Salão Nacional de Arte Moderna, embora com trabalhos que não me agradam e cuja inclusão nessa mostra causa certa surpresa. Em compensação outros, como os de Iberê Camargo, são muito bons. Se eu fosse membro do júri, daria o prêmio de viagem ao estrangeiro ao pintor Ivan Serpa e ao gravador Rossini Perez — este último uma grande e esplêndida revelação para mim.

Maria, escultora

— Melhorou muito o nível geral do salão moderno, a meu ver. Se levarmos em consideração o que era há uns seis ou sete anos, chegar-se-á forçosamente à conclusão de que tem havido grande progresso na produção dos artistas plásticos. Como participante do júri eu daria o prêmio de viagem ao estrangeiro, em pintura,

a Franck Scheaffer, Firmino Saldanha ou Djanira. E outro prêmio entregaria à Darrel Valença ou Eduardo Suede, gravadores.

Athos Bulcão, desenhista
e decorador

— Passei muito ligeiramente pelo Salão, detendo-me mais na parte de artes gráficas e desenho. De um modo geral o nível geral é mau, havendo, porém, trabalhos bons. Se fosse membro do júri, daria um dos prêmios de viagem ao estrangeiro a dois bons pintores: Ivan Serpa e Firmino Saldanha.

— Para ser dividido?

— Não, nenhuma divisão. Serpa ficaria com o dinheiro para ir estudar e Firmino Saldanha com a distinção, já que é pintor da mesma categoria, podendo apenas dispensar o numerário para estudar e ver na Europa. Depois Ivan Serpa além do seu talento, vive corajosamente apenas da pintura. Quanto ao outro prêmio, daria a desenhista Anísio Medeiros.

correio da manhã - 6 de junho de 1956.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

Selecionados 10 trabalhos de crianças para a Holanda



Aspectos do julgamento dos trabalhos das crianças, vendo-se os membros do júri, os representantes da KLM e jornalistas

O concurso internacional de pintura de crianças organizado pela KLM em combinação com o Museu de Arte Moderna do Rio e patrocinado pelo Itinerário foi encerrado no Brasil ontem pela manhã, com a reunião da comissão encarregada de selecionar os dez trabalhos dos concorrentes que serão enviados para Amsterdã para a escolha do que deverá constar do calendário internacional da KLM para 1959. Como se sabe, esse concurso está sendo feito em doze países, simultaneamente. No Brasil concorreram 33 crianças entre 12 a 16 anos, predominando Minas Gerais e Distrito Federal.

A comissão de seleção que foi constituída por Tuní Murinho, Ivan Serpa, Antonio Accioly Neto, Ferreira Gullar e Jayme Maurício, reuniu-se às 10 horas

no Museu de Arte Moderna do Rio, com a presença dos representantes da KLM, srs. Oswaldo Lemgruber e Maurice Blom, diversos representantes da imprensa, e a sra. Matilde de Souza, administradora do MAM, secretariando os trabalhos da comissão a srt^a. Icleia Duarte.

Depois de apreciar os 33 trabalhos enviados, trocar idéias, fazer enfim os trabalhos necessários a um julgamento dessa natureza, a comissão decidiu selecionar os dez trabalhos que considerou os melhores, pertencentes a Fabrício Gomes Pedrosa, Ana Maria Ribeiro, Cláudia de Souza Gerpe, Vera Lúcia Alves Menezes (do Distrito Federal) e Isabel Guatimozin Vidigal, Fernando Viana Furquin Werneck, Maria Irene Melo Neves, Waldrido Hermany, Cristina Matta Machado,

Marco Aurelio R. de Castro II (de Minas Gerais).

A segunda fase do concurso será feita em Amsterdã — o julgamento de todos os trabalhos enviados pelos 12 países concorrentes. Ao vencedor de cada país será proporcionada uma viagem e permanência de uma semana na Holanda, aos cuidados da KLM, e acompanhado do redator desta coluna. Outros prêmios menores serão dados aos demais classificados.

De acordo com o regulamento, os trabalhos não classificados não serão devolvidos, ficando de posse da KLM. Desses trabalhos dois causaram funda impressão ao representante daquela companhia que, na impossibilidade de vê-los classificados, decidiu torná-los sua propriedade, e para isso vai entrar em entendimentos com seus autores.

correio da manhã 11 de outubro de 1957

142 DO PSIQUICO

Os elementos tidos e havidos como sociais que caracterizam a arte do povo provêm, em grande parte, da complexidade psíquica mais do que plástica.

Não adianta nada a obstinação de pretender a arte como expressão estética, pura, intrínseca, alheia aos valores íntimos, às esperanças e às frustrações alimentadas pelo homem que existe no artista. Claro, numa obra de arte o estético importa, e muito. Daí, porém, a uma apreciação crítica a este fator tão essencial quanto relativo. — pois que o conceito do belo varia de indivíduo a indivíduo, é que não daremos o nosso apoio.

Como não se pode uniformizar o gosto humano, obrigando o repúdio disto ou daquilo, assim como a sua aceitação, sem levar em consideração a opinião alheia, o mais razoável, parece-nos, seria a eliminação parcial da cogitação crítica precisamente do que ela mais se preocupa: o julgamento estético na obra de arte.

As correntes modernas compreenderam isto quando deixaram a margem das suas realizações o sentido do belo convencional substituindo-o por uma concepção avançada tanto quanto a forma pela qual esta concepção nos é apresentada, desagradando à visão ótica. E por isto que os modernos — generalizamos neste vocábulo toda arte revolucionária nos dias em que vivemos — estão, em que pese seus protestos, mais distantes do povo do que os acadêmicos.

Estes últimos cuidam, evidentemente, mais da forma do que da concepção de suas obras. Limitam-se, como é notório, em reproduzir as coisas, objetos ou pessoas tal qual elas se apresentam às suas palhetas, precursoras, em certo sentido, das máquinas fotográficas.

Mas, esta é outra face do assunto. O que desejamos no momento, em linhas gerais, é expor o nosso conceito sobre o fator psíquico na arte.

Chegamos, como vimos, a conclusões contrárias às divulgadas pelos camelots em disponibilidade. Resta agora prosseguir analisando as manifestações psíquicas que as ditas obras sociais ocultam na sua maioria. Os exemplos aí estão vivos em Di Cavalcanti, Djanira, Milton Da Costa, Ivan Serpa, etc.

Antes de mais nada torna-se necessário o lembrete de que a realização artística, consciente ou inconscientemente é sempre a projeção do "ego". E como tal, toda arte está subordinada à natureza íntima do seu criador. Não importam os deslismamentos, as contradições, as metamorfoses aparentes. O psiquismo do artista serve-se mais de nuances para dar expressão à sua linguagem interior do que a palheta, as tintas e os pincéis, ao emprestarem forma e cor às coisas.

As nuances psíquicas nos preocupam. E delas procuraremos extrair o que outros julgam ser apenas exteriorização plástica. Quando em recente estudo demonstramos que as características sociais na pintura de Candido Portinari escondiam outra significação mais imperiosa que a até então aceita por todos, anunciávamos uma verdade despercebida, inclusive do artista.

Explicamos, na ocasião, o sentido social da sua obra como pretexto consciente a fim de que o inconsciente pudesse aflorar. Em outras palavras: assim procedendo o artista poderia ter tido um propósito deliberado, mas sem que desse por ela, como se costuma dizer, esse propósito foi traído pelos ardis inconscientes e o que nos parecia então social, adquiriu, convincentemente, um aspecto psíquico gritante da sua personalidade.

Pintando gente pobre, meninos de Brodowski, que fez o artista senão pincelar seus recalques de infância?

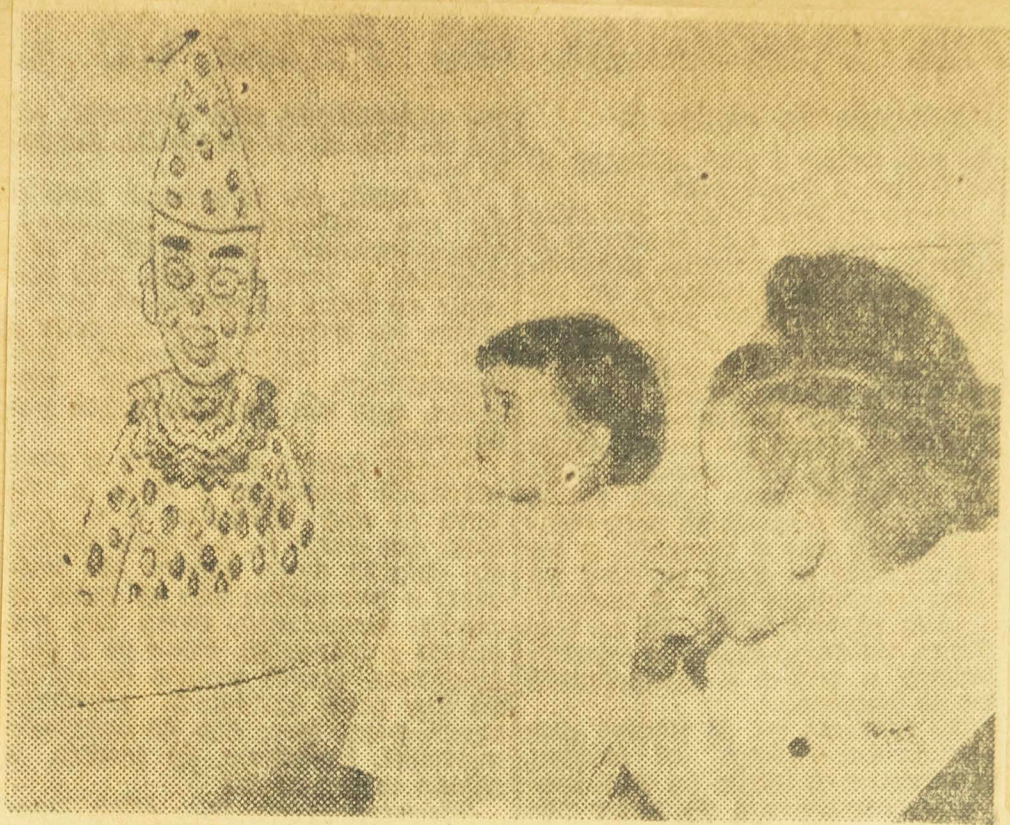
Já respondemos a esta interrogação em livro publicado. ("A Função do Inconsciente nas Artes Plásticas").

Não é nosso intento repetir aqui o que dissemos antes. Vejamos, portanto, outro exemplo. Tomemos Lassar Segall, entre tantos. Sua pintura, também, como se sabe, é quase toda "social". O povo, com seus sofrimentos, constitui um dos motivos constantes dos seus trabalhos mais representativos. E, entre eles, destaca-se o "Navio de Emigrantes", tela de grande dimensão material e artística.

Pensando no simbolismo que a escolha do motivo e título que este trabalho sugere, — sem deixar de ter em mente que Segall, por mais radicalizado que esteja entre nós, aqui chegou em um "navio de emigrantes" — teremos, aí, na decifração desse símbolo, o aspecto psíquico da sua obra sobrepujando o social tão discutido.

Do mesmo modo, isto acontece aos demais artistas.

diários da noite, 22-2-1956.



Crianças foram ver pintura de criança no Museu de Arte Moderna

Exposição infantil fêz MAM virar ruidoso "play-ground"

Com 51 trabalhos de meninos e meninas de 4 a 14 anos de idade, o Museu de Arte Moderna inaugurou, ontem, a Sexta Exposição de Pintura de Crianças. A presença das crianças transformou a sede provisória do Museu num autêntico "play-ground", com muita algazarra e alguns es-corregões.

NAO COMPARECEU

Não pôde ir ao MAM, ontem, o Sr. Ivan Serpa. Todos aguardavam a sua presença, até que D. Matilde, diretora do Museu, comunicou que o pintor não compareceria, por se achar doente. A rigor, o Museu não estava num grande dia. Poucos visitantes, a maioria constituída por pais de alunos. As crianças imediatamente dominaram o ambiente, impondo-lhe um ar festivo e barulhento. O representante do Conselho Britânico, Mr. Beathy, divertiu-se ao associar a sala de exposição a um parque infantil.

Interrogadas, muitas crianças

não se entusiasmarão com a possibilidade de virem a ser pintores. As reações infantis, no que concerne à pintura, são absolutamente livres de qualquer interesse imediato. Pintam porque gostam de pintar e de modo geral o fazem por motivos exclusivamente lúdicos.

Explicou-nos D. Matilde que a pintura "reflete os problemas íntimos das crianças e o curso do Museu põe as crianças numa atitude absolutamente livre no que se refere à criação estética".

A ATITUDE DAS CRIANÇAS

Limpas e bem vestidas, as crianças encontraram imediatamente meios de fugir à vigilância dos pais. Sendo colegas no mesmo curso, não há inibições no trato. Descobriram logo que o chão muito polido do Museu podia ser utilizado para brincar de "escorrega", o que resultou

em algumas quedas e inevitáveis intervenções paternas.

Pouco interessadas em fotografias, reclamavam da insistência dos adultos em fazê-las posar junto aos "quadros", porém, indicavam de bom grado o trabalho que tinham feito. Algumas levaram presentes para o Sr. Ivan Serpa e outras pessoas do Museu.

Artistas

apoiam

Bienal

do

México

SERPA

— Dou todo meu apoio à Bienal do México — declarou-nos Ivan Serpa. Alega-se que o México não enviou trabalhos à IV Bienal de S. Paulo e que se deve pagar na mesma moeda. E' um equívoco. Se o governo mexicano pretendeu desprestigiar a Bienal paulista (o que não se pode afirmar), errou, e não devemos seguir o mesmo caminho errado.

journal do brasil

1.5.1958.

Os resultados de uma "enquete"

OS PRÊMIOS DO V SALÃO

Publicados os resultados da escolha do júri de premiação do V Salão, vejamos hoje, a título de curiosidade, o resultado da enquete promovida por esta coluna, sobre os referidos prêmios. A enquete resultou na formação de um júri integrado por Mário Pedrosa, Flávio de Aquino, Murilo Mendes, Milton Dacosta, Antônio Bento, Burle Marx, Fayga Ostrower, Inimá de Paula, Joaquim Tenreiro, Marc Berkowitz, Eneida, Francisco Bolonha, Maria, Athos Bulcão (críticos), poetas, cronistas, arquitetos, pintores, escultores, gravadores). O resultado foi o seguinte:

- Prêmio de Viagem Estrangeiro (pintura) — Ivan Serpa — 12 pontos.
- 2.º mais votado, Firmino Saldanha.
- Prêmio de Viagem ao Estrangeiro — empate entre Anísio Medeiros e Aldemir Martins, com seis pontos cada um, seguidos de outro empate entre Pedrosa d'Horta e Darel Valença, com quatro pontos cada um, Pamplona com 3 pontos, Alcides Rocha Miranda com 2 e Rossini Perez com 1.

correio da manhã - 8 de junho de 1956.

VISÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA

Ferreira Gullar

O V Salão Nacional de Arte Moderna, com seus expositores, seus defensores e seus prêmios, oferece um panorama bastante curioso. Se o Salão, em si, já é uma salada feita com mau-gosto e certa aberração — o movimento que se desenvolve em torno dele não é menos contraditório e confuso. Críticos que se têm mostrado implacáveis com exposições de categoria (como a Bienal de São Paulo, por exemplo), abrem-se em elogios diante deste V (que antes fôra o último) Salão Moderno, cheio de bobagens acadêmicas. Um tal entusiasmo extemporâneo só se compreende como má-fé (é incrível que até o entusiasmo seja usado com má-fé) ou o cumprimento de uma ordem: a ordem de ser otimista. Não é dizer que o Salão nada tem de aproveitável; mas, serão o Salão Ivan Serpa? Faiga? Lygia Clark? Será o Salão meia dúzia de artistas que nem distinguidos são pelo júri? Não, êsses artistas são o anti-Salão, e a sua presença ali é um equívoco. Quem aproveita do Salão mesmo são os que, no fim, ganham os prêmios. Os demais compõem o cenário, «fingem» que concorrem, dão ao páreo a necessária aparência de disputa. Estou caluniando? A verdade é que, num júri de três, dois são ostensivamente anti-concretistas e apaixonadamente acadêmico-realistas. À exceção de Firmino Saldanha (prêmio de viagem ao estrangeiro), que é por certas razões tolerado pelos «realistas» (muito realistas, mesmo, em seus propósitos), agora Saldanha, dizíamos, quais foram os premiados? Anísio Medeiros, que parece só desenhar para concorrer ao Salão, e que desenha mal, com truques de

«art-nouveau» (prêmio de viagem ao estrangeiro, desenho); Frank Scheaffer que expôs três quadros sem importância, amancirados; Pamplona, cenarista, que recebeu com Scheaffer o outro prêmio de viagem pelo Brasil, vai aprender a fazer cenários no Piauí ou em Mato Grosso. Uma das isenções de júri foi dada a Iberê Camargo (gravura) para apagar má impressão da retirada de suas gravuras («imorais!») do Salão. As outras duas a pintores insignificantes, um dos quais plagiário flagrante da habilidade portinariana. Ignorava o júri que nem Lygia Clark, nem Aloísio Carvão, nem Lygia Pape, nem João José, artistas cuja categoria salta à primeira vista, não têm ainda isenção? Somos abertamente contra a isenção de júri mas, já que se continua a concedê-la, deve-se ao menos escolher, para atribuí-la, os melhores (que, por não necessitarem da isenção, a anulam) e não os piores, aqueles que, desde então, estarão livres para expor o que entenderem. A quem aproveita êste Salão Moderno que, fora os que nada ganham com êle, é tão acadêmico quanto o outro? Aproveita a um Glauco Rodrigues, pintando telas feias e perfeitamente acadêmicas. (Êsse rapaz deve admirar o mestre Osvaldo Teixeira); uma Renina Katz, um Carlos Scliar, um Campofiorito etc. E' por isso que uma certa imprensa defende e louva o Salão. Aquêles a quem a arte mesma é que interessa, a arte que não precisa de

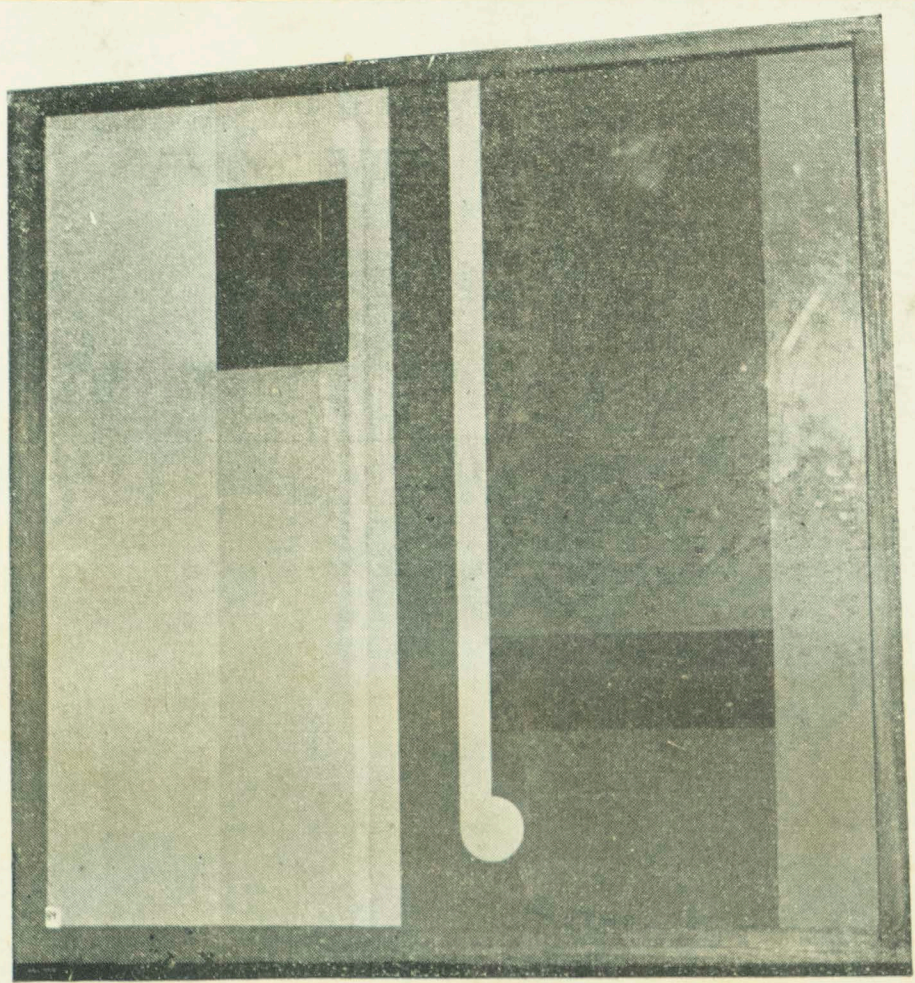
Salões nem de politicagem para se fazer, a existência dêsse Salão Moderno é desnecessária, e muitas vêzes maléfica.

O prêmio dado a Firmino Saldanha deveria ter sido para Ivan Serpa, melhor representado que aquêle e mais necessitado do prêmio. Saldanha pode ir à Europa às suas próprias custas, e Ivan não. Saldanha é um homem rico, de mais de quarenta anos; Ivan, jovem e pobre. O prêmio a Saldanha — comentou um amigo meu — não foi escandaloso, mas foi odioso.

Numa rápida apreciação, pode-se dizer que a gravura e a pintura estavam melhor representadas que a escultura. (Aliás, a premiação de Sônia Ebling, o ano passado, não podia entusiasmar os bons escultores). Embora se louve muito atualmente a gravura brasileira, é preciso dar nome aos bois. Se Faiga Ostrower, Grassmann, Livio Abramo, Lygia Pape, Arnaldo Pedroso d'Horta são artistas de primeira ordem, o mesmo não se pode dizer dos inumeráveis realistas, neo-acadêmicos. E êles são a maioria neste V Salão.

Enfim, o Salão é hoje a propriedade de um grupo, que pinta pouco e age muito, que pensa mais na política do Salão do que na arte. Os que comparecem, ingenuamente, ali, para receber a compensação de seus esforços, nada recebem. Por que, pois, fechar o Salão? perguntam naturalmente indignados os donos. E abrem manchetes escandalosas em defesa do morto. Está vivo!, garantem. Mas a derrota em tôda a linha do pessoal jovem, neste V Salão, é prova decisiva de que êle não mais respira. Enterrêmo-lo.

IVAN SERPA — pintura



museu de arte moderna

Há tempos, foi apresentada uma exposição de pintura de crianças, alunas dêsse incomparável artista que de pintura de crianças, alunas dêsse incomparável artista que é Ivan Serpa. O sucesso foi absoluto sob todos os aspectos. Os frutos das férteis imaginações infantis despertaram o mais profundo interesse em quantos compareceram à mostra e a qualidade das execuções deixava prever que, muitos daqueles nomes assinados garatujescamente, estarão figurando, no futuro, em obras premiadas.

O trabalho que Ivan Serpa vem realizando é dos mais fascinantes, pois os resultados obtidos são o testemunho incontestável de que o objetivo foi magistralmente atingido. Nesta página ilustramos alguns flagrantes da exposição.



O artista Ivan Serpa entre as crianças no salão da exposição



Ivan Serpa, os representantes dos ministros Lucas Lopes e Menezes Pimentel e a sra. Carmen Portinho



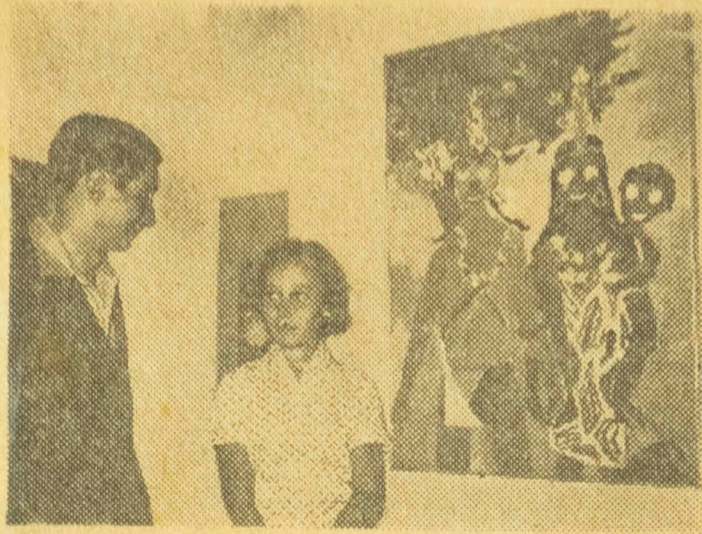
Senhora Maria Martins, Ivan Serpa, sra. Mendes Gonçalves e suas filhas que participaram da mostra infantil



Crianças à volta da árvore de Natal executada pelo artista Rossini Perez

*revista rio magazine
junho de 1956.*

PINTURA DE CRIANÇAS



No Museu de Arte Moderna do Rio, na rua da Imprensa 16-A, diariamente entre 12 e 19 horas, uma exposição diferente, espontânea, lírica e refrigerante — a V Exposição de Pintura de Crianças, onde se poderá apreciar o rendimento excepcional que o professor Ivan Serpa (na foto) soube obter dos seus pequeninos alunos, nos cursos que há cinco anos a instituição vem mantendo.

correio da manhã
30 de dezembro de 1956.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CRIANÇAS

O Canton Art Institute em Ohio, vai apresentar em meados de outubro, desenhos e pinturas de crianças de diversas escolas americanas como de outros países.

Atendendo ao apêlo do sr. Joseph Hutchinson o Museu de Arte Moderna vai remeter 10 telas e 26 desenhos dos alunos do Curso Infantil dirigido pelo professor Ivan Serpa.

Os jovens expositores são os seguintes:

Célia Landman — Leila Figueira de Lima — Maria Lúcia Americano — Veda Alves Borges — Carlos Sérgio Pinto

— Maria Dagmar Moniz — Silene Meilman — Roberth Sushereba — Joyce Landman — Tânia Cardoso Machado — Tomás França — Cecy Mendes Gonçalves — Regina Robinn — Regina Maria Pereira do Carmo — Alice Schieinkman — Heloisa Elvira Mello — Maria Ignez Mendes Gonçalves — Luiz Carlos Barbosa Corrêa — Maria Thereza Borges — Maria Cecília Velasco Cruz — Maria Letícia Doblin — Ênio Perelberg — Analuce Estrêlla — Maria Célia de Castro Aguiar — Newton Sebrebrenich — Sônia Meilman — Heitor Mendes Gonçalves — Ricardo de Andrade Perissé — Heloisa J. Coutinho Marques — Amélia Maria Mayall — Vera Lúcia Menezes e Francisco Gomes Rocha.

correio da manhã
29 de setembro de 1956.

MURAL DE SERPA

Ivan Serpa já preparou o estudo e vai começar a execução de um mural (concreto) no edifício da Caixa Econômica. Este é o segundo trabalho mural do pintor que, há pouco, aprontou os estudos de um mural "em quatro tempos" para um monumento projetado pelo arquiteto Francisco Bolonha.

journal do brasil
3 de outubro de 1957

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

O Museu, a criança e a educação



Ivan Serpa, o professor da petizada, auxiliado pelos irmãos Oiticica, organiza a exposição das crianças que será inaugurada logo mais às 18 horas

Um dos aspectos mais positivos das atividades do Museu de Arte Moderna do Rio é o da sua preocupação com a atualização dos métodos pedagógicos, com a sua importante atuação na educação, não apenas no lado mais generalizado das exposições, conferências, projeções e publicações, mas no seu ângulo direto, efetivo, através do ensino no ano letivo, embora em condições materiais deficitárias, enquanto não se conclui a sua sede definitiva. E dentro desse ângulo, assume importância excepcional o curso dedicado às crianças, ministrado com ternura e compreensão admiráveis pelo pintor Ivan Serpa, desde os primeiros dias da vida da instituição, em 1952. Já não é lícito a ninguém ignorar a importância das artes plásticas na formação da personalidade. Aprender a exprimir-se livremente através de formas, linhas, cores e volumes, harmoniosamente reunidos, significa a posse de um re-

curso de linguagem quase tão importante quanto a linguagem escrita.

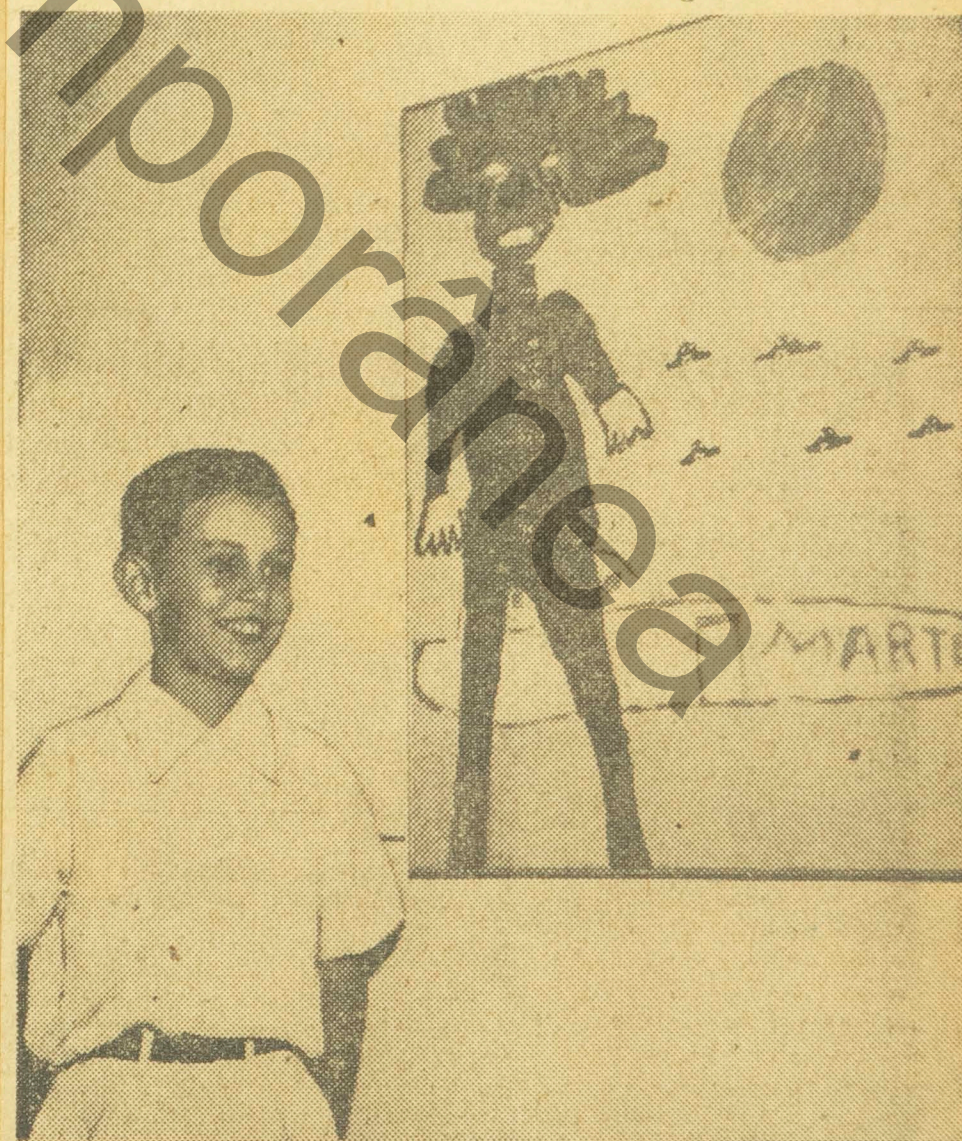
Há cinco anos que o Museu cuida de proporcionar aos seus pequeninos sócios esse instrumento. E os resultados têm sido os mais eloqüentes. A Quinta Exposição de Pintura de Crianças que se inaugura hoje na sede provisória da instituição, na rua da Imprensa 16-A, mais do que um convite a alguns momentos de refrigério, de poesia e reencontro com a nossa distante infância, com os primeiros anseios, as primeiras descobertas, as primeiras perplexidades, é uma forte sugestão aos nossos educadores, aos chefes de família, às escolas em geral.

Como diz o nosso grande poeta Carlos Drummond de Andrade, "não pintores, não são poetas estes meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça, e também muito mais delicioso."

correio da manhã — 13 de dezembro de 1956.

PINTURA DE CRIANÇAS

Diariamente, entre 12 e 19 horas, na Rua da Imprensa, 16-A, o Museu de Arte Moderna do Rio proporciona ao público uma belíssima exposição de pintura de crianças, dos pequeninos alunos dos cursos que mantém sob a direção do pintor Ivan Serpa. No mesmo local, além de diversos cartões de Natal, livros de arte e reproduções, o Museu apresenta um original ornamento de Natal, criado por Lígia Clark e Frans Weismann, em substituição ao clássico e falso pinheirinho de algodão. Não deixe de visitar a exposição das crianças e escolher uma lembrança delicada para seus amigos e parentes nestas festas natalinas.



correio da manhã — 19 de dezembro de 1956.

PINTURA DE CRIANÇAS

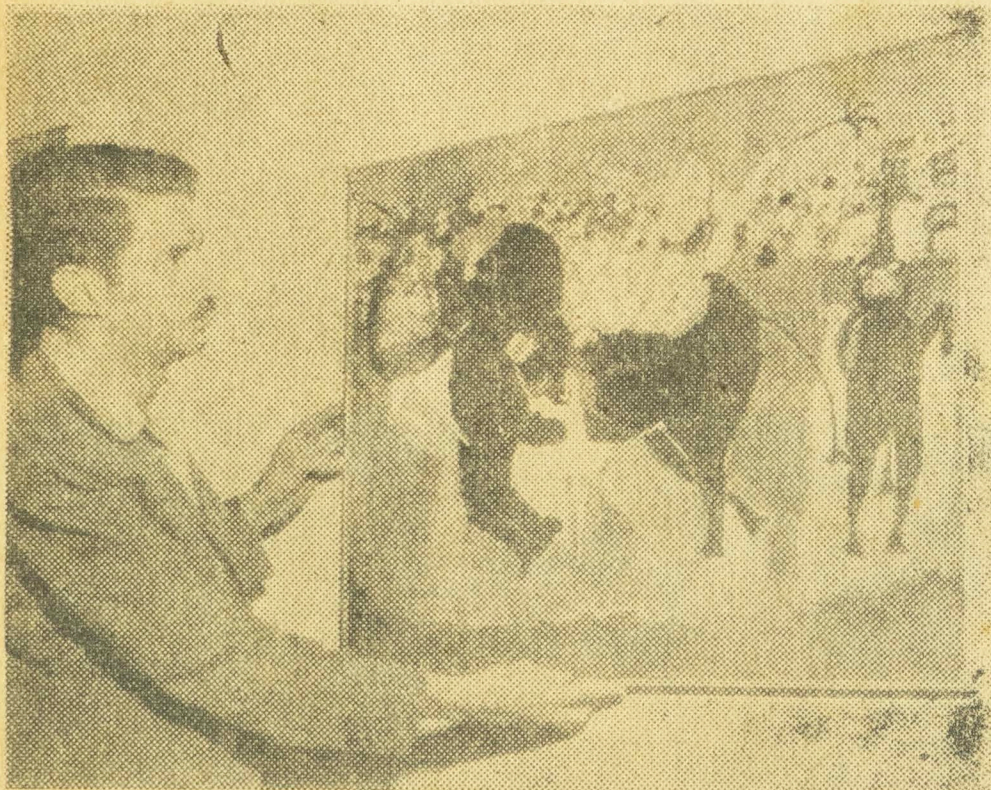


No Museu de Arte Moderna (Rua da Imprensa, 16-A), acha-se aberta a 5.^a Exposição de Pintura de Crianças, com trabalhos dos alunos de Ivan Serpa nos cursos mantidos pela instituição, e também uma criação de Ligia Clark e Franz Waismann (ornamento festivo em alumínio e fôlha de Flandres), além de cartões de Natal, livros de arte, constituindo toda a mostra uma sugestão de Natal e Festas das mais felizes.

No clichê o professor Ivan Serpa ao lado de um dos seus pequeninos pintores que aponta para a sua tela.

correio da manhã - 16 - 12 - 1956.

ARTES PLÁSTICAS



O PINTOR Ivan Serpa (aparece, na foto, colocando no painel um quadro de sua aluna Analuce Estrêla, de dez anos) está contentíssimo com o êxito obtido pela exposição do Curso de Pintura Infantil do Museu de Arte Moderna, orientado por ele. Tanto mais que a sra. Gabrielle Mineur, adido cultural à Embaixada Francesa, se encantou de tal forma com a mostra, que vai levá-la para ser exibida em Paris.

*tribuna da imprensa
4 de janeiro de 1956.*

FIGURAS

ARTE INFANTIL

A exposição de crianças, que o Museu de Arte Moderna está apresentando, deveria ser mais visitada do que está sendo. É preciso acabar com o preconceito de que arte é só o que fazem os adultos. Basta ir ao MAM e ver os alunos de Ivan para se convencer do contrário. Raramente se vê uma exposição tão rica, tão fascinante, capaz de limpar os olhos viciados com que vemos o mundo.

journal do Brasil - 23-12-1956.

ARTES PLÁSTICAS

Crianças farão arte no Méier

Inaugura-se hoje, o Instituto de Arte Infantil, organizado pelo pintor Ivan Serpa e mais alguns artistas do "Grupo Frente". O Instituto fica no Méier, e lá funcionarão diversos cursos de arte para crianças, além de curso primário e teatrinho de fantoches.

Ivan Serpa, que acaba de concluir seu painel para os escritórios da Caixa Econômica (no Edifício Marquês do Herval), está-se dedicando intensamente ao instituto infantil. A casa onde ele funcionará, segundo o próprio Serpa, tem tudo: terreno amplo, árvores, jardim, muitas salas de aula e material para os trabalhos das crianças.

O Méier agora, realmente, "não precisa da cidade pra viver": tem até uma escola de arte para as suas crianças, provavelmente a melhor escolhinha infantil do Rio, a que foi criada com maior entusiasmo e idealismo.

tribuna da imprensa, 6 - 11 - 1957.

O MUSEU DE ARTE MODERNA EM GOIÂNIA

Com destino a Goiânia viaja hoje o Itinerário, acompanhado a sra. Niomar Moniz Sodré, diretora do Museu de Arte Moderna do Rio, e o diretor-presidente do Correio da Manhã, dr. Paulo Bittencourt, além de outras pessoas especialmente convidadas pelo governador de Goiás para assistirem, na Escola de Belas Artes daquela Capital, à Exposição de Pinturas de Crianças, dos alunos dos cursos mantidos pelo museu carioca e ministrado por Ivan Serpa.

A caravana e os quadros serão transportados em aparelho da Nova Capital, gentilmente cedido pelo sr. Israel Pinheiro, presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, que viaja também com destino a Brasília, cujas obras estão sendo intensamente visitadas e serão percorridas pelos seus convidados.

Vemos assim a ação divulgadora e educadora do Museu de Arte Moderna do Rio, cujas exposições, atividades artísticas e pedagógicas começam a penetrar às populações do interior, levando-lhes as mais recentes conquistas e descobertas no âmbito da cultura.

correio da manhã, 8 de março de 1957

Temporânea

EXPOSIÇÃO INFANTIL

Ir ver os quadros da Exposição Infantil do Museu de Arte Moderna é uma experiência fascinante. Mais que a arte do adulto — que já é, de certo modo, a procura de uma disposição inata na criança — a arte infantil consegue nos atingir com o impacto revelador e recuperador da fresca realidade diária. Anterior, por um lado, aos conceitos e, por outro, à própria cultura visual das exposições e dos museus, a expressão da criança é, por isso mesmo, o fruto de um contacto directo com as cores e as formas que, nas tintas, se oferecem à sua posse. Não é difícil conceber a fecundidade e a extensão de uma tal experiência que possibilita à criança o corpo-a-corpo com a massa colorida, que ela conhece, de longe, no céu, no mar, nas folhagens, e de perto, mas excessivamente resistente nos objetos domésticos e nos brinquedos. Agora, em sua palheta, o real se entrega, em todas as suas luzes maravilhosas, dócil à sua vontade conformativa. E é esse esplendente caos, essa pasta viva de cores, fácil à sua ação, que a solicita ao trabalho: e, ao organizá-lo, ela vai pouco a pouco identificando cada mancha de cor, cada forma a um objeto familiar: uma bola, um gato, um barco. A criança acha, pintando, o que ela pinta.

"Eu não procuro, eu encontro" — diz Picasso, e nisso pretende ser, ao criar, igual à criança. Essa afirmação de Picasso é válida para toda a arte dita moderna, cujo objetivo, desde seu primeiro instante, sempre foi levar ao homem a capacidade de se expressar livremente, sem se submeter a regras codificadas. Nessa total liberdade de invenção, e numa concepção gestáltica do quadro como uma totalidade perceptiva, repousam as afinidades essenciais da expressão do homem adulto e da criança. E a criança é também um artista porque sua expressão colabora para manter vivo, no homem, um tipo de conhecimento de que ele se tornou incapaz, mas que lhe é vital. A sua arte é o veículo de uma "cultura" anterior à nossa, cuja experiência nos enriquece e ao mesmo tempo nos alerta para alguns aspectos sinistros de nossos métodos de educação.

A presente exposição infantil do MAM é, sob todos os aspectos, um acontecimento notável. Não obstante um preconceito generalizado, acho conveniente que se escolham os trabalhos a serem expostos, expondo os melhores e em número regular, como o MAM fez desta vez. Não ignoro os riscos de uma tal seleção, mas o pintor Ivan Serpa deu prova de uma isenção que o capacita para a difícil tarefa.

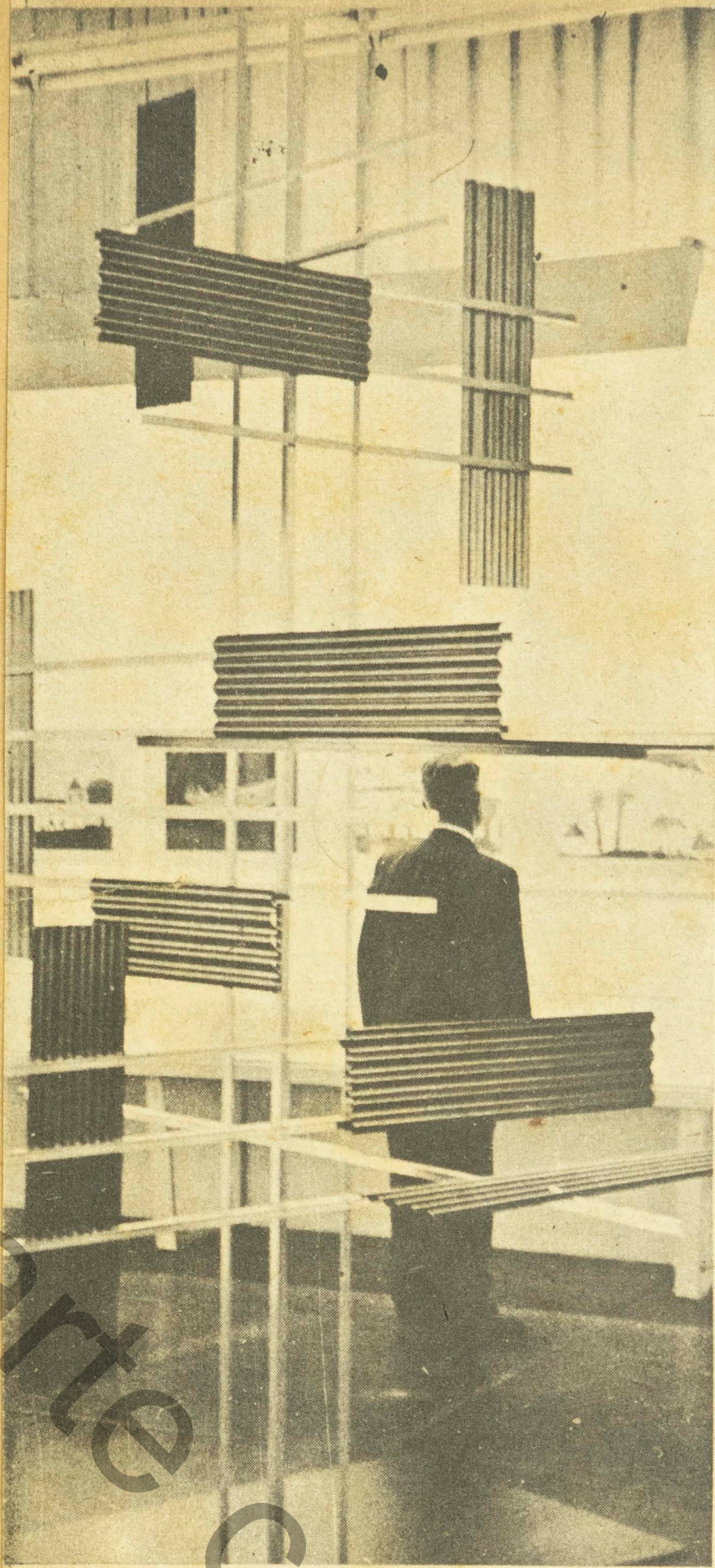
F. G.

Journal do Brasil
30-12-1956.

CRIANÇAS

Ivan Serpa está enquadrando os trabalhos de seus alunos para a exposição infantil do Museu do Rio. Cerca de 45 crianças tomarão parte na mostra, que é uma oferta deslumbrante dos pequerruchos aos marmanjos, todo ano.

Journal do Brasil
9-12-1956.



Natal no MAM do Rio



Está aberta no Museu de Arte Moderna do Rio a exposição de crianças do curso infantil do Museu, dirigido pelo pintor Ivan Serpa. No centro da sala de exposições há uma grande Árvore de Natal, construída, em alumínio branco e placas de cor, pelo escultor Franz Weissmann e pela pintora Lygia Clark. A mostra, que se realiza todos os anos na época natalina, consta de 45 trabalhos em óleo e aquarela, selecionados entre os que os alunos pintam durante o ano.

"A Margem do Extenso"

O "DESFILE" se permite hoje o luxo de um furo: o primeiro livro a ser editado, numa tiragem de 100 exemplares de luxo, pelo Museu de Arte Infantil (Copacabana), será "A Margem do Extenso" coletânea de poemas de Marly de Oliveira Maciel, que tem 14 anos e é sobrinha do poeta Décio Vitério.

Marly tem duas coisas curiosas em sua poesia estranhíssima e cheia de qualidades originais: não põe título nos poemas e inventa palavras. Uma criação sua, por exemplo, é o verbo "brivar", que ela conjuga em todos os tempos e pessoas.

Quando Décio Vitério lhe perguntou o que era "brivar" teve esta resposta:

— É uma coisa que eu só sinto quando estou escrevendo. Falando, não posso explicar.

Para os leitores desta coluna, uma amostra da arte de Marly, neste pequeno e delicioso poema:

"No soneto cantado no alto
[espaço apagado]
no som tristonho que fica
[perto do longe]"

tribuna da imprensa
8-3-1956.

manchete

"Cada dia a criança me surpreende"

Fala o pintor Ivan Serpa sobre a próxima exposição de pintura infantil no Museu de Arte Moderna do Rio — Novas experiências — Primeiro material de trabalho: a tinta a óleo — Contra a premiação de crianças

Reportagem de DANIEL DE OLIVEIRA

— CADA dia a criança me surpreende. Estou sempre diante do que vai acontecer. Se sistematizasse meu método de ensino seria melhor não fazer mais nada.

E' o que nos diz Ivan Serpa, que há cinco anos vem organizando as exposições de pintura infantil realizadas pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Serão expostos em dezembro próximo nesse Museu trabalhos de cerca de 50 alunos, selecionados pelo professor. Seleção dos bons trabalhos de cada alu-

no e não dos melhores trabalhos do curso.

— Não faço comparação entre os desenhos dos alunos. Não posso mesmo ao fazer o julgamento alegar qualidades artísticas, o que interessa menos. O principal é o que a criança produz de bom em relação aos trabalhos já feitos.

A esse propósito — diz-nos Serpa — que é contra premiações de trabalhos infantis.

— Não sei como se pode combater isso e o pior é que cada vez aparecem mais concursos. O trabalho pode não ser bom para aquele que julga, mas em relação àquela criança é de grande importância.

EXPERIÊNCIAS

— Quando o Museu de Arte Moderna tiver instalações adequadas e se continuar a dar a liberdade que vem dando, pretendo fazer uma série de experiências que, aliás, já iniciei em alguns colégios particulares: Coelho Branco, São Fernando e São Marcos. Em cada um desses colégios emprego método diferente. Quando tiver possibilidade pretendo empregar vários métodos com uma turma só.

— Quais são essas experiências?

— Tenho feito, por exemplo, estudo da influência das cores sobre as crianças. Determinadas cores são empregadas pelas crianças com um aproveitamento de 60 a 70 por cento e outras numa percentagem de 30 e até 10 por cento. As cores que deram melhores resultados até agora foram: amarelo e verde, vermelho preto e marrom e preto e branca, e branco. Dou duas cores para serem trabalhadas durante toda a aula. O nível mais baixo verificado até agora foi o das cores amarela e preta, preta e azul,

preta e marrom e preta e branca. Os resultados nesses casos são bem negativos. Estou continuando nessas experiências, acrescentando mais cores. O fim dessas experiências, diz-nos Serpa, é ver a afinidade das crianças com determinadas cores. Algumas crianças só se expressam relativamente bem quando têm certas cores na palheta.

Isso servirá para um estudo futuro, mais aprofundado. Há a intenção de se empregar as cores de maior percentagem de aproveitamento em carteiras e ambiente de aula. Essa experiência já foi feita em pequena escala. Talvez isso seja bom para no futuro abolirmos as tetricas carteiras marrom, as cores sufocantes. Isso também deve ser aplicado ao quadro negro, que poderá ser de cor e trabalhado em gris também de cor. Os tons aí deverão ser suaves e não vibrantes. Haverá, além de tudo, um acréscimo de luminosidade na sala de aula. Cesar Oiticica, de sua parte, também vem desenvolvendo uma série de estudos nesse sentido. Procura de cores para aplicação no ambiente e para ver sua relação com o desenvolvimento da criança. Nessas experiências noto grande alegria das crianças. Antes da aula perguntam-me ansiosas: quais as cores que vamos usar hoje? A alegria é tão grande que há uma espécie de balbúrbia. E' a alegria da criança quando sabe que vai fazer uma coisa nova. Tenho reparado que quanto maior número de cores e de problemas dou, mais satisfeitas elas ficam e sentem que tive uma confiança muito maior na capacidade realizadora delas.

A PINTURA A ÓLEO E AS CRIANÇAS

— Fêz algum estudo sobre pedagogia ou psicologia infantil?

— Não li nada sobre psicologia e pedagogia e não me interesso em ler. Estou somente interessado em ver a criança alegre. Essa alegria é o que me interessa. Procuo no máximo de minhas forças realizar isso bem. Acho que no futuro poderão ser aplicados os resultados que vimos obtendo e anotando. Deixo, porém, isso aos especializados no assunto. Tenho guardado grande número de trabalhos, cerca de dois mil, dos mais interessantes.

— Por que você dá como primeiro material de trabalho a tinta a óleo?

— Acho o óleo mais interessante porque é mais difícil, prende um pouco a mão da criança. Quando trabalha com tinta à base de água, as manchas, os resultados imprevistos agradam mais à vista. No Coelho Branco tenho dado colagem, método em que adotei dois sistemas, um com formas prontas e outro dando liberdade à criança de cortar ou rasgar as formas que quiser. Tenho visto trabalhos muito interessantes. Em determinadas turmas há um interesse maior pela colagem que pelo óleo. Temos trabalhado também com letras,

formação de letras ou de palavras. Um I que ela transforma em "L" ou em "T" deixa-a encantada. Isso traz um desenvolvimento muito grande. Há centenas de casos que seria enfadonho citar."

— Seus alunos nunca fizeram gravura?

— Gravura nunca fiz porque não há aparelhamento. Seria preciso um espaço muito maior e um gravador que se incumbisse dessa parte. Não entendo de gravura e não poderia dar uma orientação. No futuro espero ter um gravador colaborando.

NAO VISA A FORMAR ARTISTAS

Antes de começar com suas aulas no Museu de Arte Moderna, Ivan Serpa já se dedicava ao ensino de crianças, desde 1947. Conta-nos que há um único caso de aluno seu que depois de crescido tenha continuado a pintar. Carlos Val começou a trabalhar com Serpa com a idade de 9 anos e hoje, com 18, já é um artista conhecido. "Val vem conservando um nível alto e está cada vez melhor". Esse jovem tem participado de diversos Salões Nacionais, já expôs no Museu de Arte Moderna com o grupo "Frente", e também na Itália, no 9º Prêmio Lissone.

— Nosso interesse não é o que as crianças venham a se tornar artistas. De cem alunos é possível que um continue pintando. Mas essa geração que tem completa liberdade não verá a arte de sua época como a geração atual e sim como uma consequência lógica do desenvolvimento, do progresso humano. Ela vai ter, também, capacidade de distinguir o que é bom do que não presta, porque sua visão está mais aguçada.

O Museu de Arte Moderna tem realizado várias exposições de trabalhos infantis no exterior: Washington, Tóquio — e em outras cidades do Japão — e Ohio, essa última recém-enviada. A próxima será na Iugoslávia.

No Brasil em Juiz de Fora, Petrópolis, São Luiz do Maranhão e Ponte Nova, sendo que nessa última, inaugurada no mês de outubro, tal foi o interesse despertado que a Assembléia local aprovou, por unanimidade, a criação do Salão de Arte Infantil, a realizar-se anualmente. Recebeu agora um convite para uma exposição em Volta Redonda.

O MUNDO ATUAL E A CRIANÇA

— O mundo atual, com suas coisas boas e más, tem uma influência muito grande sobre a criança — continua Serpa. — E' grande a influência das más revistas, mas não podemos aca-

instituto de



Dois dos expositores

paratodos - dezembro de 1956.

Picassos de calças curtas deslumbram gente grande



EXEMPLO do que tem acontecido nos últimos anos, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro encerra suas atividades com uma festa de colorido e alegria: a exposição anual dos alunos de seu curso de arte infantil, já a 5.ª. Dezenas e dezenas de quadros enchem as paredes de cores vivas e formas ingênuas, anteontem, na hora da inauguração, quando o Museu apresentou aos seus frequentadores outra iniciativa que se vai tornando também tradição: a Árvore de Natal, que, este ano, esteve a cargo da pintora Lígia Clark e do escultor Franz Weissmann. Além de muita criança, dos pais e familiares dos alunos do curso (orientado pelo pintor Ivan Serpa), estavam entre os presentes os pintores Raimundo Nogueira, Abraão Palatnik, Augusto Rodrigues, Aluísio Carvão, Rubem Ludolf, Elisa Martins, os críticos Mário Pedrosa, Antônio Bento, Quirino Campofiorito, o poeta Carlos Drummond de Andrade, a cronista Eneida, o embaixador Maurício Nabuco, o arquiteto Henrique Mindlin, o jornalista Paulo Bittencourt, a reportagem de vários jornais, emissoras e TV e numeroso público.

Na foto, um crítico dos mais compenetrados explica detalhes de um quadro a uma interessadíssima apreciadora.

tribuna da imprensa
15-16 de dezembro de 1956.



Ivan Serpa

bar com isso de uma vez só. E' preciso reeducar a criança. Muitas pessoas, diante de um trabalho infantil, podem sentir certas afinidades com pintura moderna, com máscara africana ou com desenho animado. E' preciso não esquecer que a criança vive essa vida; ela vai ao cinema, abre uma revista que o pai compra, vê um livro. Uma aluna minha fez um quadro com círculos coloridos e traços pretos. A mãe, impressionada, disse-me: vão pensar que você a está influenciando, a está levando para o abstracionismo. Mas aquele trabalho era uma orquestra vista de cima, como nos informou a autora. Para nós era abstrato, para ela tinha toda uma história.

Não traço plano algum para meus alunos. Um educador tem de fazer e seguir um sistema, mas seu fim é outro. Dou liberdade total à criança e por isso descubro muitos caminhos. Ela tem toda liberdade e muita confiança no professor. Conversa comigo e conta-me fatos estranhos à aula. O professor tem de ser aluno diante do aluno, tem de ver sua necessidade. Quando ele se torna aluno é que pode saber tratar com ele. Tem de haver uma identificação".

A exposição infantil do Museu inaugurar-se-á entre os dias 10 e 15 de dezembro, ficando aberto até fins do mês de janeiro de 1957.



Um dos trabalhos a ser expostos

O EXEMPLO DE AUGUSTO RODRIGUES FAZ ESCOLA E FRUTIFICA:

NA ARTE DA CRIANÇA A BELEZA DA VIDA!

Exposição de Alegria — Ambiente do Curso de Ivan Serpa — A Arte Espontânea Não Pretende Revelar Gênios Nem Criar Pequenas Estrêlas — Onde a Criança Pode Expressar-se Livrementemente e Revelar Sua Fantasia e Senso Poético Através da Arte — Os Expositores e Seus Trabalhos (Reportagem de YVONNE JEAN, Excl. de ULTIMA HORA)

Um ambiente diferente do habitual reinava no Museu de Arte Moderna anteontem: tudo era alegria. Alegria dos quadros de cores vivas que sorriam e riam nas paredes onde palhaços e índios pulavam, onças percorriam florestas de sonho, trenzinhos atravessavam as nuvens; alegria dos expositores — o mais jovem tem quatro anos, o mais velho quatorze — que faziam questão de mostrar sua obra

e tirar um retrato ao lado dela, sem apresentar os sintomas de angústia de artista que enfrenta, pela primeira vez, o julgamento da crítica e do público nem, tampouco, a auto-suficiência daquele que se acha acima desse julgamento; alegria dos visitantes que se sentiam bem e não pensavam em discutir arte abstrata ou figurativa, acadêmica ou moderna, contentando-se em gozar o momento.

tem, consegui, afinal, o que eu queria. Fiquei satisfeita. Agora posso fazer outra coisa".

A Poderosa Imaginação Infantil

Uma menina pintou uma bela negra de dentes azuis. Mostrou o desenho em casa. A empregada exclamou: "Ora essa menina. Bem vejo que você fez o meu retrato, mas eu não tenho dentes azuis!" E a menina lhe respondeu: "Claro, sua bôba. Então você não vê que fiz isto para você ficar mais bonita?"

Outra criança pintou três bolas coloridas e perguntou ao professor se reconhecia o que fizera. Serpa disse que eram bolas e lembravam um circo. "Sim — disse a menina — são bolas de um circo, mas são diferentes: estas não arrebetam!"

Outro sempre fala em voz alta enquanto põe suas histórias no papel: "Eu vou começar a pescar... Agora o anzol vai cair na água... Caiu na água e o peixe viu... O peixe está mordendo no anzol. Puxo o peixe. O peixe escapou.

Poderia contar muitas outras histórias destas aulas, mas uma menina estava me puxando pela manga: "Não quer ver meus desenhos?" O arlequim de traço firme e cores lindas de Vera Lúcia me impressionou.

— Se gosto... — e seus olhos brilhavam como estrêlas.

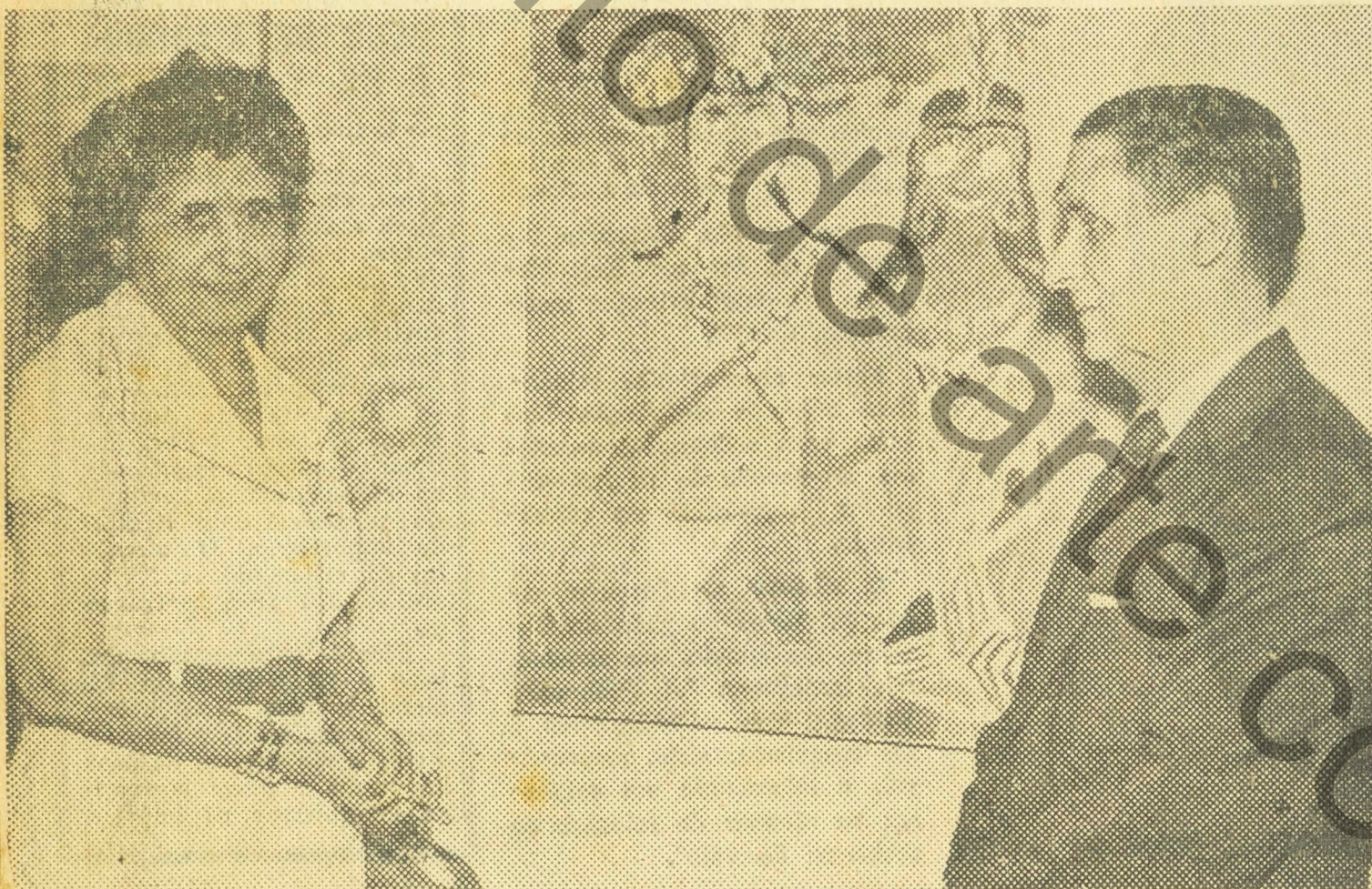
E a tia me contou que a menina é fanática e que gostaria de pintar durante o dia todo e mesmo à noite.

Aulas São Diferentes...

Perguntei à menina, que tem treze anos, se desenhava também na escola.

— Sim, mas são aulas diferentes... Eles não querem arte moderna. A gente é obrigada a copiar coisas e não pode dizer tudo que tem na cabeça!

Mas Vera Lúcia não deixou que matassem sua imaginação e agora está feliz. Outra criança, esta com quatro anos, tão-somente, estava olhando para mim. Se-



Os alegres índios, de colorido à Gaughin, encantaram à engenheira Carmen Portinho, enquanto o arquiteto Henrique Mindlin sugere a legenda: "Poupando neuroses no futuro". Realmente, inibições e complexos voam à medida que as crianças exprimem o que lhes vem à imaginação através da pintura

Artes Plásticas e Infância

O vernissage da quinta exposição infantil do Museu de Arte Moderna demonstra a importância de um curso ministrado com inteligência às crianças, estes poetas-natos. Ninguém mais, hoje em dia, menospreza a importância das artes plásticas na formação da sensibilidade infantil, que nelas encontra meios de evasão e expressão própria.

Quando Augusto Rodrigues começou a chamar a atenção do Brasil sobre a criança à procura de libertação, dando-lhe um ambiente de liberdade e camarada-

gem e possibilidades de expressão na primeira destas "escolhinhas", hoje espalhadas pelo País, os educadores da escola tradicional ficaram um tanto assustados, pois não compreenderam, logo de início, que se tratava de todo um sistema pedagógico, indo muito além do desenho. Além do mais, os pais achavam os trabalhos dos filhos muito "modernos" e precisaram de algum tempo para compreender que "moderno" não quer dizer extravagante e sim uma expressão do ambiente atual. E, assim, as crianças ajudaram à educação plástica dos adultos!

Aprender Brincando

Quando Ivan Serpa, começou

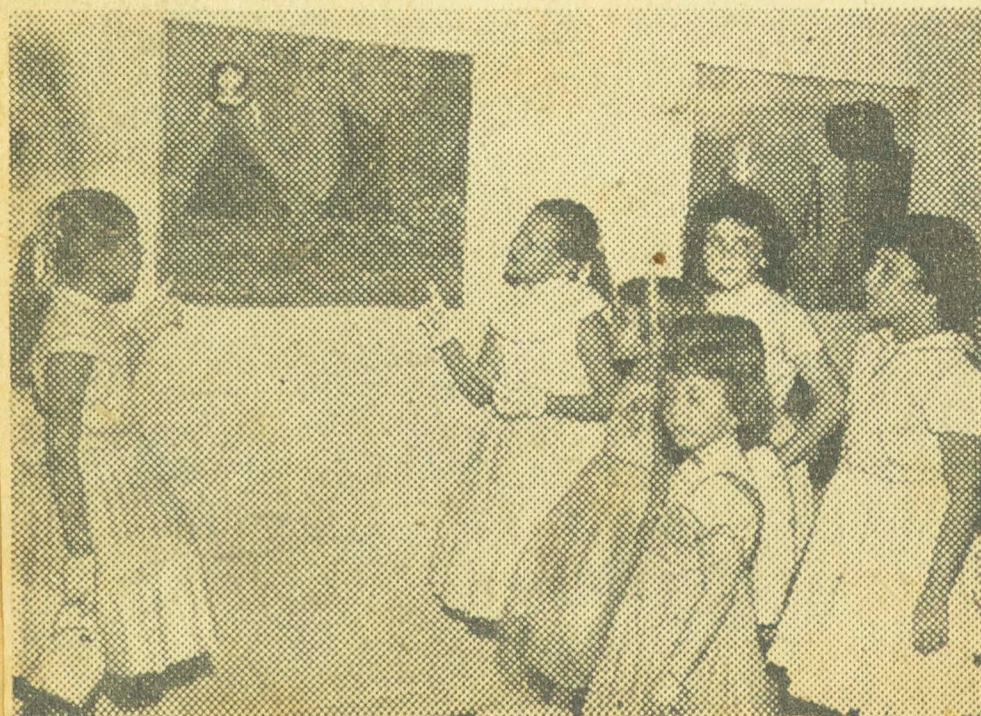
pouco depois, a ministrar aulas impregnadas do mesmo espírito, no Colégio "Wladimir Matta", encontrou crianças para as quais as aulas de desenho era uma penosa obrigação e arte algo que se aprendia nos maus desenhos das histórias em quadrinhos. Dando liberdade aos seus alunos, contentando-se em lhes dar um ambiente sadio e um bom material de trabalho — nada de cadernos pequenos e curtos lápis de cor; folhas de papel muito grandes, pincéis compridos, potes com tintas de todas as cores — devolveu-lhes a espontaneidade e deixou que a livre expressão resolvesse muitos problemas.

Pouco depois, iniciava o primeiro curso de desenho do Museu de Arte Moderna. Nestes seis anos, muito conseguiu: esta exposição a melhor de todas, basta para comprová-lo.

Moldando Vocações

Tal menina só desenhava bandeiras brasileiras por que achava mais fácil, porque tinha certeza de não errar, porque tinha medo de experimentar coisas novas ou de exprimir seus verdadeiros sentimentos. Ninguém criticou o assunto único. O professor deixou o ambiente influir a criança, deixou-a observar os companheiros. Um dia, a menina resolveu pintar a bandeira de um outro país, outro, mergulhou na vida, obedeceu à inspiração e realizou uma paisagem. Nunca mais pintou bandeiras.

Tal menina refez o Pão-de-Açúcar 28 vezes em aulas sucessivas. Mas esta não estava fugindo a si mesma: ao contrário. Um dia, pegou um outro assunto e então explicou ao professor: "On-



Uma das duas irmãs aponta sua obra — "A Fada no Jardim dos Sonhos" — às amiguinhas que também expõem no Museu



"Na escola, não deixam fazer arte moderna!" — lamenta Vera Lúcia, que tem treze anos, um amor tremendo à pintura e uma bela imaginação

guiu o menino e vi dois trabalhos lindos, de côres suaves, fantasia solta, os únicos quadros abstratos da exposição. Era Yves-Henrique, filho de Ivan Serpa, ao qual o ambiente de "atelier" do pai ensinou, sem que o soubesse, que também é possível exprimir-se através das linhas e das côres!

Desenvolvendo Personalidades

Dezenas de trabalhos, completamente diferentes, revelam personalidades de seres aos quais devolveram sua espontaneidade natural. Eis uma floresta de sonho que lembra as "Três Graças" de Boticelli que a criança jamais viu; e um quadro separado em quadradinhos de vitral à Roualt; e um azul profundo, êste azul que Chagall levou tanto tempo para realizar; e a fantasia de uma ilha de Gaughin.

Não se trata de obras geniais. Longe disto. Felizmente. Ninguém pensa em transformar essas crianças em pequenos prodígios nem em lhes dar um senso exagerado da própria importância. Querem, exclusivamente, que possam dar vazão ao seu senso de poesia, fantasia, beleza num ambiente de camaradagem infantil, onde seus sentimentos não estão sendo sufocados, onde trabalham com espontaneidade, sentindo-se felizes. É só.

É quem ajuda as crianças a se sentirem felizes e, portanto, a desabrochar-se realiza um grande trabalho. A criança liberta exprime o seu mundo. Transmite sua mensagem aos adultos, que só poderão lucrar visitando essa exposição de alegria. A alegria que procuram e raramente encontram, a alegria que torna a vida uma maravilha, a alegria que existe no fundo de cada alma infantil e que está, tantas vezes, abafada pela vida ou a incompreensão. A alegria: a grande, a bela mensagem dessa exposição.

*o que se diz,
o que se vê...*

* Correm os boatos de que o nosso caro Antônio Bento seria francamente contra os abstratos e concretos no VI Salão de Arte Moderna, e contra o Ivan Serpa. É falso. Antônio Bento autoriza o desmentido: "Acho que o Serpa anda com orientação meio errada, mas justamente por isso talvez ele devesse viajar um pouco".

*correio da manhã
27 de maio de 1957*

VENCEDORA DO CONCURSO DE DESENHOS INFANTIS



Num avião da KLM embarcou para a Holanda a menina Vera Lúcia Alves Menezes, vencedora no Brasil do concurso de desenhos infantis, promovido em 12 países do mundo pela KLM.

As provas eliminatórias foram aqui realizadas sob a supervisão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sendo selecionados dez desenhos que, remetidos para a Holanda, foram ali novamente submetidos à apreciação de um júri internacional. Este concluiu pela escolha da menina Vera Lúcia Alves Menezes, de 14 anos, aluna do Professor Ivan Serpa nos cursos de crianças do Museu de Arte Moderna.

Como prêmio recebeu a menina Vera Lúcia um convite para passar uma semana na Holanda, onde encontrará os vencedores dos outros 11 países.

*correio da manhã
14 de maio de 1958*



Arte Faz Meninas Viajarem

Pela KLM embarcou para a Holanda a menina Vera Lúcia Alves Menezes, vencedora brasileira do concurso de desenhos infantis, promovido em 12 países do mundo pela KLM.

As provas eliminatórias do Brasil foram aqui realizadas sob a supervisão do Museu de Arte Moderna do Rio, sendo selecionados dez desenhos que, remetidos para a Holanda, foram ali novamente submetidos à apreciação de um júri internacional. Este concluiu pela escolha da menina Vera Lúcia Alves Menezes, de 14 anos, aluna de Ivan Serpa nos cursos de crianças do próprio Museu.

Como prêmio recebeu Vera Lúcia convite para, em companhia de sua avó, passar uma semana na Holanda, onde encontrará os vencedores dos outros 11 países. A KLM proporcionará a esse grupo um programa especialmente elaborado para crianças, constando de visitas a escolas modernas, aos campos de tulipas, às cidades de Rotterdam e Amsterdam, ao aeroporto de Schiphol e também uma sessão especial num dos maiores circos do mundo, o «Elleboog».

Já se encontra na Holanda o crítico de arte Jaime Maurício, que fará a cobertura do acontecimento.

O flagrante acima focaliza o embarque de Vera Lúcia no Galeão.

diário de notícias, 15 de maio de 1958

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

Vera Lúcia, aluna de Serpa no Museu de Arte Moderna, venceu o concurso

De Amsterdam, recebemos o resultado final do Concurso Internacional de Pintura de Crianças, promovido em 12 países pela KLM. Como se sabe, esse concurso visa confeccionar o calendário KLM de 1959, com trabalhos de crianças de 12 países, focalizando o tema "como eu vejo o meu país". No Brasil esse concurso foi patrocinado pelo Itinerário, alcançando grande êxito entre a criança. A inscrição foi de 33 candidatos do Rio, São Paulo e Minas. A Comissão encarregada de selecionar os 10 trabalhos que seriam enviados à julgamento final em Amsterdam, constituída por Tuni Murtinho, Ivan Serpa, Accioly Netto, Ferreira Gullar e o colunista, selecionaram trabalhos de Fabrício Gomes Pedrosa, Ana Maria Ribeiro, Cláudia de Souza Gerpe, Vera Lúcia Alves Menezes, Isabel Guatimozin Vidigal, Fernando Vianna Furquin Verneck, Maria Irene Melo Neves, Walfrido Hermann, Cristina Matta Machado, Marco Aurélio R. de Castro II.

correio da manhã, 19 de janeiro de 1958

O júri em Amsterdam concedeu o prêmio à menina Vera Lúcia Alves Menezes, de 14 anos de idade, aluna de Ivan Serpa nos cursos de crianças do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Vera Lúcia, viu o seu país através de uma vibrante baiana, ganhou uma viagem de ida e volta à Amsterdam, com permanência de 7 dias, aos cuidados da direção da KLM. Prêmio idêntico foi concedido ao Itinerário. Dentro dos nossos planos de viagem para 1958, é bem possível que tenhamos a honra de acompanhar, assistir e reportar a encantadora e talentosa menina Vera Lúcia, princesinha brasileira enviada com mil cuidados aos belos e tradicionais domínios da Rainha Juliana.

Missão dessa natureza provoca logo um sentimento quase medieval de escudeiro. Esperamos poder escoltar Vera Lúcia à terra das tulipas.

TENREIRO: LOJA NOVA

Tenreiro inaugurou, ontem, em São Paulo, sua nova loja de decorações, à Rua Augusta. Para abertura de sua filial paulista Tenreiro convidou um grupo de artistas, cujos trabalhos estão expostos ali. São eles: Lígia Clark, Milton Dacosta, Volpi, Maria Leontina e Serpa. Tenreiro pensa também adquirir uma peça do escultor

Oteiza, premiado na IV Bienal de São Paulo, para colocar à entrada da loja.

*journal do brasil
26 de fevereiro de 1958*

DESPEDIDA DE IVAN SERPA

Ivan Serpa, de partida para a Europa, vai ser homenageado pelos seus amigos e discípulos, com um jantar que se realizará no Bar Recreio, depois de amanhã, dia 21, às 20 horas.

Para a homenagem ao vitorioso artista, autor de tantas experiências bem sucedidas, existe uma lista de adesões no Museu de Arte Moderna.

*correio da manhã
19-6-1958*

Crianças e Arte Moderna

Mario Pedrosa

A pedagogia artística moderna teve o seu grande triunfo, quando descobriu na criança o poder de criação e uma personalidade. Desde então os preconceitos acadêmicos, que não se manifestam apenas no domínio artístico, receberam sua sentença de morte, embora ainda perdurem em muitos círculos e meios, como, aliás, tantos outros anacronismos.

A liberdade de criação e o esforço sistemático de explicitação dos impulsos e anseios de expressão da personalidade em botão, móveis intrínsecos da educação moderna, exigiram determinados meios e técnicas para que pudessem ser satisfeitos. Esses meios e técnicas, de tão sistemática e indiscriminadamente aplicados, tendem, porém, já hoje, a unilateralizar-se numa atitude estereotipada. Reduzem, por assim dizer, todo o fenômeno criador a uma simples técnica de exprimir emoções e conflitos, que visa a acelerar a catarse nos indivíduos social ou psiquicamente mal ajustados.

Os métodos pedagógicos em voga procuram, com efeito, quase que exclusivamente a aprimorar essa técnica da desinibição e do desabafo. Essa técnica exige, é claro, que o sujeito, a criança trabalhe com determinados meios, instrumentos e materiais condizentes com os fins psíquicos visados. (Assim, o lápis de ponta acerada é condenado como, também, os pincéis finos, penas, tesouras etc.) Cultiva-se acima de tudo a espontaneidade, a ausência de ordenação ou regularidade no riscar, no pintar ou desenhar, o acaso das tintas, os golpes de improviso, conforme a veneta, o aproveitamento das surpresas das manchas de cor, como num teste Roscharch, tudo isso por medo é estereotípia, a festa, a convenção acadêmica. O cultivo, porém, de tudo isso, sem qualquer contrapartida, resulta em detrimento do que é essencial em qualquer organização de todos, isto é, a forma que é predeterminada por uma força anterior, pré-consciente, mas coordenadora, ditada pelas leis da percepção visual.

O perigo de um tal processo é o de estratificar a experiência expressiva da criança numa só atitude interjectiva, que se passa como que fora do campo da disciplina visual perceptiva; nessa atitude, por assim dizer pre-perceptiva, a criança é convidada a contentar-se no cultivo do egocêntrico jardim de suas próprias idiosincrasias, teimando numa só pintura ou num só modo de desenhar, que acaba confinando-a a um estado de espírito fechado, narcísico. Suas produções não são, então, mais que a tradução imediata de um estado emocional extremamente subjetivo. Esse problema já tem sido estudado por grandes mestres da pedagogia moderna. Um deles, e dos mais eminentes (R. Arnheim), mostrou em obra recente que a predominar tal método, excluída não está a possibilidade dessa pintura ou desenho de pura manifestação egocêntrica vir, por sua vez, a influenciar o próprio estado de espírito de seu criador juvenil.

O pequerrucho estaria, então, ameaçado de não se desenvolver espiritualmente, de não sair de seu caramujo, numa posição inversa, mas isocônica ou simétrica, ao "tachiste" de Paris (que quer, por força, recobrar o espontaneísmo egocêntrico das manifestações desinibidoras da infância) e permanecer enquadado num processo de auto-sugestão de ensimesmamento sem fim. A prolongar-se tal processo, o resultado seria paralisá-lo numa determinada etapa da personalidade, prematuramente estancada no seu desenvolvimento natural.

O prodigioso esforço pedagógico da arte moderna, pelos excelentes resultados obtidos e a fecunda experiência alcançada, pode, agora, ser completado. E de início já se faz necessário dar-se o alerta contra o unilateralismo o alerta contra o unilateralismo romântico em voga. Ouçamos, a propósito, a voz do mesmo grande psicólogo, já citado, que nos previne contra "o perigo de impedir que a criança use o trabalho pictórico para esclarecer as próprias observações da realidade e aprender a concentrar-se e a criar ordem". A "emoção informe", insiste ele, não pode ser o fim almejado pelos métodos modernos, nem é tampouco um meio para fim. Se a educação pela arte ensina a criança — e nisto está o seu grande mérito — a não temer as emoções, mas a permitir, ao contrário, que afluam e desabrochem, deve ensinar também a lhes dar forma, isto é, a coordená-las, a integrá-las, como fator dinâmico, salutar, no coroamento da personalidade, ou a visão global das coisas sob um mesmo diapasão ou um mesmo fio condutor, que se constitui dentro dela. Ivan Serpa, professor, sabe disso.

Journal do Brasil - 18 de julho de 1957.



Está aberta na Petite Galerie uma exposição de desenhos infantis dos alunos de Ivan Serpa. São trabalhos selecionados por Serpa, durante dez anos de cursos que deu para crianças. O trabalho acima é de Vera Lucia, menina de 13 anos, do curso do M.A.M.

Journal do Brasil - 23 de julho de 1957.

ARTES VISUAIS

Crianças alemãs e as do Brasil

Mario Pedrosa

Vale a pena ver a exposição de desenhos e pinturas das crianças alemãs, ora expostos no Instituto Brasil-Alemanha, à Avenida Rio Branco. Os mais jovens têm sete anos; os mais velhos, quinze e dezesseis.

A arte infantil mostra sempre as origens da criação no indivíduo, e também o nível, ou o meio cultural e espiritual, onde vivem as crianças. Nesse sentido, é interessante uma ligeira comparação entre o que os meninos alemães fazem agora e o que os meninos brasileiros estão fazendo.

Outro dia, falando sobre a pequena mostra seleta que Ivan Serpa organizou na Petite Galerie de seus alunos, num espaço de dez anos, mostrávamos como Serpa não tinha medo de colocar nas mãos de seu garoto lápis de ponta acerada, tesouras, pincéis finos, destinados a formas precisas, contornos limpidos e bom acabamento. Arnheim foi o primeiro, cremos, a alertar contra o unilateralismo generalizado de só estimular na criança as qualidades desinibitórias e espontâneas.

Nos desenhos dos pequerruchos alemães, esse medo não existe; geralmente, nota-se ali uma tendência quase contrária. Os métodos lá usados distinguem-se dos nossos, entre outras coisas pelo fato de os professores darem os temas. Por isso, os assuntos são sempre repetidos. Assim, há grupos de "auto-retratos" por idade e sexo. Também o motivo: "Menina se penteando", "Menina diante do espelho", foi pedido a várias garotas. Além desses temas individuais, aparecem outros grupados de ordem cultural tradicional: "Feiticeira", "Gigante", "Dragão", "Madona", "Maria"; ou de ordem natural: "Primavera"; ou externa: "Igreja", "Cidade", "Brinquedo de roda", "Caminho da escola" etc.

Os temas distribuem-se assim entre fantasistas, objetivos e de auto-observação. É visível a intenção de desenvolver na criança o dom da observação, além da imaginação, da fantasia e do poder de organização.

Os Auto-retratos são numerosos. Nos mais velhos acentua-se uma tendência ao mesmo tempo narcísica e de complacência numa certa autocrítica. No entanto, apesar do rigor dos detalhes, nem sempre embelezadores denota-se talvez algo como um idealismo exibicionista. O curioso é que mesmo os auto-retratos dos de menos idade (dez anos, por exemplo) são sempre bem acabados, de frente e com certo capricho requintado no desenho. Alguns de composição admirável e de extrema finura linear.

Há ali acordes de cores raras e lindos, invenções formais surpreendentes, verdadeiros achados. E, sobretudo, uma capacidade de organização plástica, de certitude compositiva realmente extraordinária. As técnicas usadas são as mais diversas, e vão desde a monotipia, o linóleo, a gravura, a aquarela, a colagem. Nesta, o desenho é feito em primeiro lugar, e só depois o espaço é cheio com os papéis rasgados; a técnica estimulada aqui por Serpa é a inversa.

Comparado ao desenho dos nossos meninos, o de seus alunos alemães é em geral duro. Mas é forte, bem organizado. Um desenvolvido sentido de forma está sempre presente, mesmo nos garotos de 7, 8 e 9 anos. Logo à primeira vista, se sente a força do meio cultural em que se formam e por isso os trabalhos de nossos meninos são, talvez, mais espontâneos, embora mais individualistas. Nos temas digamos de "inconsciente coletivo" como *Feiticeira*, *Gigantes*, *Dragão* se percebe imediatamente, a atmosfera do expressionismo alemão. Em alguns outros, lembramo-nos de Kandinsky, do Kandinsky que deixa entrever influência oriental.

Aqui e acolá, por causa do tema dado, o desenho parece já visto, com perda de invenção e espontaneidade. Em outras ocasiões, a invenção surge fantasista, apesar da disciplina organizadora: *Menina se penteando* (9 anos); *Patinação no gelo* (13 anos) e outras. Mas jamais veríamos uma garota nossa se retratar indo para a escola, de avental, mão no bolso e punho fechado. *Brigitte Ziemes*, 12 anos, transforma um brinquedo de roda, em volta de uma árvore, num rigoroso desenho plano, em cruz, a árvore, mera vertical no centro, numa invencível tendência à simetria, a uma visão bela mas estática. Também dificilmente encontraríamos algo semelhante por essas nossas paragens infantis.

Uma realidade definida senão precisa, envolve a criança alemã, desde o início. E por isso a vemos num esforço perseverante para acrescentar a essa realidade, talvez para melhorá-la; para intensificá-la, certamente; é que para ela, essa realidade existe — externa, palpável, dominante. Quanto ao menino brasileiro, entra na realidade, entrega-

se à realidade, sem formalismo, sem cerimônia, por cima ou por baixo, de lado ou de frente. tal-

vez porque, informe ou indefinida, seja ela feita a seu gosto, ou não exista.

Journal do Brasil
26 de julho de 1957.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

INTERINO

MUSEU DE ARTE MODERNA

INAUGURADA A VI EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CRIANÇAS

Até 15 de dezembro, cinquenta e um alunos exporão seus trabalhos

Inaugurou-se ontem, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a VI Exposição de Pintura de Crianças, apresentando os trabalhos de cinquenta e um alunos de quatro a quatorze anos do Curso de Pintura de Crianças do Museu, dirigido por Ivan Serpa. Estarão em exposição até o dia quinze de dezembro os quadros dos alunos:

Maria Inês Bolonha, Carel de Rooy, Luiz Paulo Bolonha, Beatriz Roseblatt, Gustavo Fortes, Guilherme Costa Schwab, Leila Figueira de Lima, Sílvia Rath Fingerl, Ives Henrique Serpa, Ana Maria Fortes, Francisco José Bolonha, Celia Landman, Maria Dagmar de Gregorie, Roberto Costa Schwab, Pedro Nery C. Pinto, Carlos Sergio Pinto, Elizabeth Martins, Cecy Mendes Gonçalves, Monica Kahn, Eduardo Costa Schwab, Luiz C. de Berredo, Alice Scheinkman, Julio Scharfstein, Wilma Sandra Tórok, Maria Cecília Cruz, Doris Correa Paes, Silene Meilman, Roberth Sushereba, Manuel Frota Souza, Maria Inês Mendes Gonçalves, Paulo Montiro Maurício, Ivan Nery C. Pinto, José Scheinkman, Ana Maria Ribeiro, Maria Alice Moniz Gomide, Marta Chaves Peixoto, Joyce Landman, Sergio Nery Costa Pinto, Maria Tereza Almeida, Maria Cecília Berredo, José Augusto Nunes, Ana Luiza Berredo, Telma Kahn, Maria Ignez Barreto, Maria Leticia Dobbin, Maria Rita Pedrosa, Claudia Gerpe, Sônia Meilman, Elza Maria Berredo, Amélia Maria Mayall e Vera Lúcia Menezes.

A propósito da mostra, disse-nos o sr. Carlos Flexa Ribeiro: "Ninguém pensa que os autores destes trabalhos sejam artistas desde já. Nem mesmo convém estar vaticinando no meio deles, algum futuro pintor. Nada de olhar esta exposição projetando nela as nossas convencionais classificações, forjadas nos quadros mentais dos adultos."

PÚBLICO

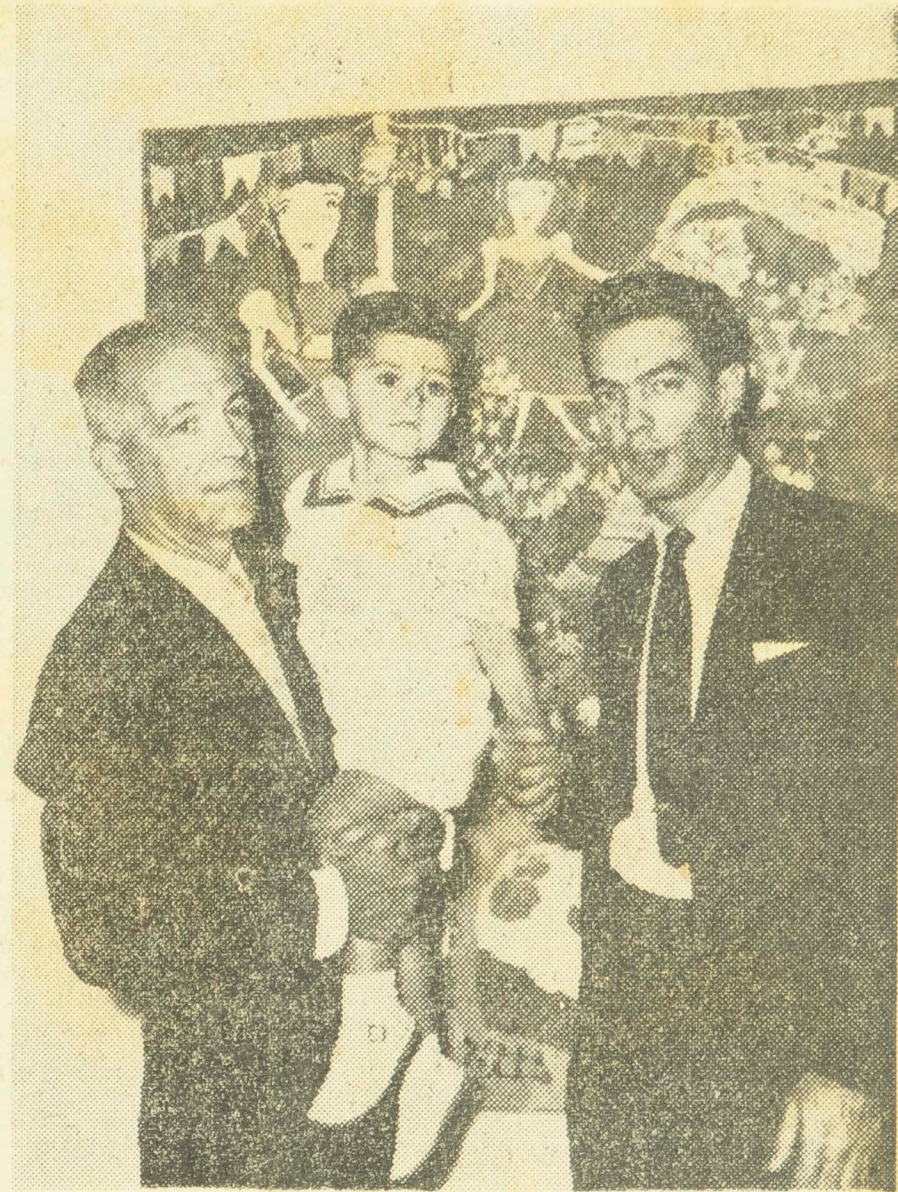
Grande público esteve na noite de ontem, apreciando os trabalhos expostos. Dentre as diversas personalidades que lá estiveram, destacamos o embaixador Maurício Nabuco, o gravador Goeldi, o sr. F. M. Beatty (do consulado britânico), o pintor Aluísio Carvão, o

arquiteto Afonso Reidy, a sra. Gabrielle Mineur, o sr. Jaroslav Kůchválek (ministro plenipotenciário da Tcheco-Eslaváquia) pintor Eduardo Alvim Correa.

OS PRESENTES

Antonia Menezes Vinhaes, Ana Maria Pereira, Alzira da Silva

Monteiro, Alvaro F. Barr, Amaury Alves Menezes, Beatriz Costa, Bela Torok, Cecília Pedroza, Carlos Gomes Pinto, Claudia Gerpe, Celina Margarida Pereira, Ciria Landmann, Decio Vieira, Diva Mendonça Pinto, Dinah Gonçalves Pinto, Diretório da Escola Nacional de Belas Artes, Diva Moniz de Aragão, Dinah dos Santos, Djalma S. Frota, Eudio Bueno, Eva Meilman, Elisa Silveira, Flavia da Silveira Lobo, Flavia Maria da S. Lobo, Fernando Alves, Francisco A. Barreto, F. L. Mendes Gonçalves, Fausto Gerpe, Francisco Bevilacqua, Hilda Pinto, Henry Scott Edwards, Heli Oiticica, Hermann José, Sr. e Sra. Henrique Mayall, Itamara Meilman, Ivete de Castro Rosa, Isabela Sá Pereira, Ignacio C. Souza, Iná de Macedo, José Garcia de Souza, Josias Felix Pereira, João da Silva Monteiro, John R. Rodrigues, Jorge Landmann, José Carlos Gomes, José Martins Coelho, José Eduardo Batalha, Jorge Lima, José T. Garcia de Souza, Jorge Alencar da Silva, José Alencar, Lucia Khan, Luiz Bueno Filho, Luiz Candido Mendes, Lucy Pereira, Luiz Frota de Souza, Luiz Loureiro Junior, Lucy Peixoto, Lygia C. Martins Vieira, Leda C. Pitzalis, Lourdes Felling, Maria Elisa de Oliveira Passos, Margarida Moniz, Maria Rita Pedroza, Mary Ann Pedroza, Monika Khan, Mariza de Souza Gerlano Bronstein, Maria Ignez Alpe, Magdalena Nunes, Marcelo Deves Menezes, Nilza F. Torok, Norma Pereira Rego, Olga Matheus, O. C. Neves, Peggy Mendes Gonçalves, Paulo Barros de Campos, presidente da Organização Nacional dos Estudantes de Arte, Raquel Bronstein, Rosina Beker do Valle, Ruth S. Peixoto de Castro, Rubem Mauro Ludolf, Roberto Kennetti, Raphael Bluvol, Sylvio Antonio, Sylvia Rezende, Stelio Dalto Santos, Terezinha Silva, Tereza de Jesus Martins, Thea Lifchitz, Telma Khan, Vera Lucia Alves Menezes, Vera Ibberson, Vilma Cortez, Wilson Cruz, Yolanda de Lima Souza, Yeda Mello Alves Borges e Zany da Silveira.



Na foto aparecem José Garcia de Souza, avô, José T. Garcia de Souza, filho, e José Eduardo Garcia de Souza, neto, o primeiro nosso companheiro e todos três sócios remidos do Museu de Arte Moderna. José Eduardo e sua irmã de três meses, Maria Beatriz são os dois mais jovens sócios do Museu



O embaixador Maurício Nabuco explica a duas meninas um quadro feito pelos pequenos artistas da Escola do Museu

VI Exposição de Quadros de Crianças no MAM

Inaugurou-se, ontem, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a VI Exposição de Quadros de Crianças, com a presença dos pequenos artistas, seus colegas, pais, parentes, sócios e amigos do Museu. Como acontece anualmente, a sala de exposições perdeu aquêle ar adulto das exposições normais para ganhar uma atmosfera infantil, levada até lá pelas conversas, risadas e opiniões dos pequenos. No flagrante, algumas fotos da exposição e o leitor poderá encontrar um noticiário completo no Itinerário das Artes Plásticas.

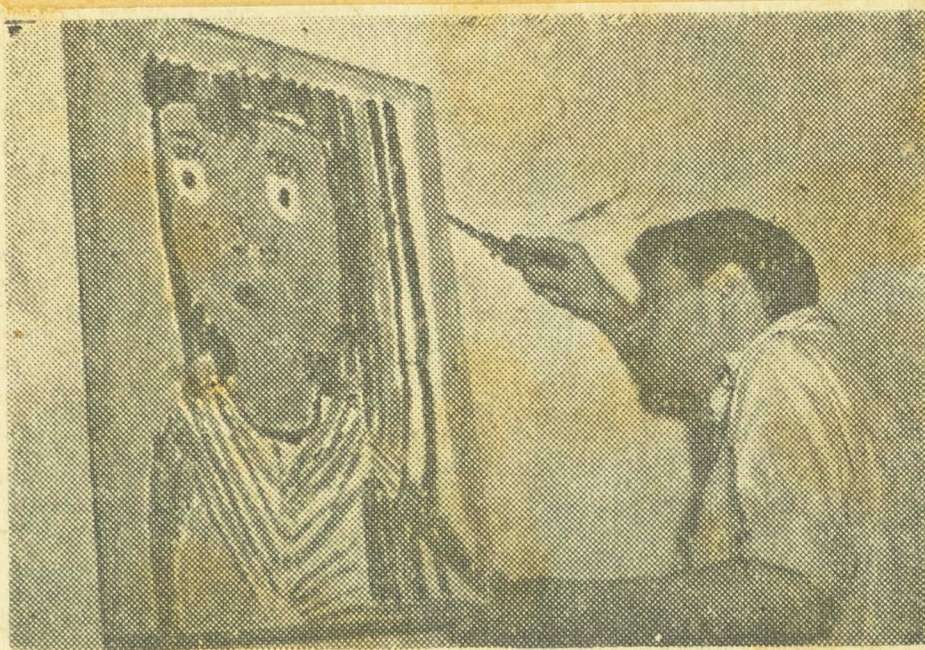


correio da manhã 29-11-1957

HOMENAGEM A IVAN SERPA

Amanhã, às 20 horas, realizar-se-á na Churrascaria Bar Recreio o jantar em homenagem a Ivan Serpa, que seguirá no próximo dia 25 para a Europa, a fim de gozar o prêmio de viagem ao estrangeiro, conquistado no último Salão Nacional de Arte Moderna.

No Museu de Arte Moderna encontra-se uma lista de inscrições que já recebeu inúmeras e expressivas adesões.



Serpa

correio da manhã - 20-6-1958

Instituto de Arte Contemporânea



Desenho do menino Joice, de quatro anos

Alunos do Prof. Ivan Serpa expõem no Ginástico 40 trabalhos selecionados

Quarenta trabalhos infantis recolhidos pelo pintor Ivan Serpa em dez anos de ensino estão em exposição no 4.º andar do Clube Ginástico Português.

Ontem à tarde houve a inauguração. Não faltaram crianças e o Sr. Alfredo Souto de Almeida, diretor do Clube Ginástico, mandou que se servisse sorvete a elas.

Falando ao JORNAL DO BRASIL, o pintor Ivan Serpa Prêmio de Viagem à Europa no Salão de Arte Moderna, anunciou que levará os trabalhos em exposição, e mais sessenta, para Europa.

EXPERIÊNCIA E CONCLUSÕES

Comentando sua experiência de 11 anos com crianças, o pintor Ivan Serpa falou de uma das principais conclusões a que chegou no seu longo tirocínio educacional.

— A Escola deve ser total e os professores têm que oferecer às crianças oportunidades de desenvolvimento em todos os sentidos. Educação no terreno da arte, unicamente, não funciona.

Inspirado justamente nessa conclusão, o pintor Ivan Serpa

com mais cinco colaboradores, fundou o Instituto de Arte Infantil do Méier, instalado na Rua Lins Vasconcelos.

Perguntamos pelo resultado da experiência:

— A melhor possível. Iniciamos os cursos da nossa Escola em janeiro e já temos um bom número de alunos.

ENDEREÇO DO CONVITE

O pintor Ivan Serpa dirige um convite amplo, a todo mundo, para conhecer os trabalhos dos seus alunos:

— Principalmente aqueles que são os maiores interessados na educação das crianças, os pais.

Sobre o valor artístico desses trabalhos pode-se oferecer ainda mais explicações, que o próprio Sr. Ivan Serpa nos anuncia acentuando principalmente que não se deve procurar nos quadros infantis — alguns com soluções realmente excepcionais — qualidade artística.

— Deve-se procurar nos trabalhos das crianças, em primeiro lugar, o que elas foram capazes de realizar. Não valem os paralelos.

NOTÍCIA DO PINTOR

O pintor Ivan Serpa está com viagem marcada para Europa no dia 25 de julho. Graças ao prêmio do Salão de Arte Moderna vai se demorar dois anos fora do Brasil, passando a maior parte desse tempo em Paris.

— Tenho parentes lá — disse-nos. Uma tia.

A Exposição que apresenta agora no Clube Ginástico, o pintor Ivan Serpa deverá mostrar em várias cidades da Europa, já estando marcada a inauguração da de Madri.

QUADRO DE GUIGNARD NO MUSEU DE BELAS-ARTES

Foi recentemente adquirido pelo Museu Nacional de Belas-Artes pela importância de cem mil cruzeiros, o quadro "Marilia", de Alberto da Veiga Guignard.

Dentre os pintores modernos já representados no Museu, destacam-se Portinari, Panzetti, Di Cavalcanti, Milton Dacosta, Iberê Camargo, Armando Baloni, Santa Rosa, Firmino Saldanha e Ivan Serpa.

correio da manhã
12 de abril de 1958

NOTICIÁRIO



ALUNOS DE SERPA

Abriu-se anteontem no Ginástico uma exposição de trabalhos infantis dos alunos do pintor Ivan Serpa. Trata-se de uma exposição selecionada, apresentando os melhores trabalhos recolhidos em dez anos pelo Professor Serpa, nos cursos que deu de arte infantil. O nível da mostra é dos mais altos no gênero.

jornal do Brasil - 14 de maio de 1958.

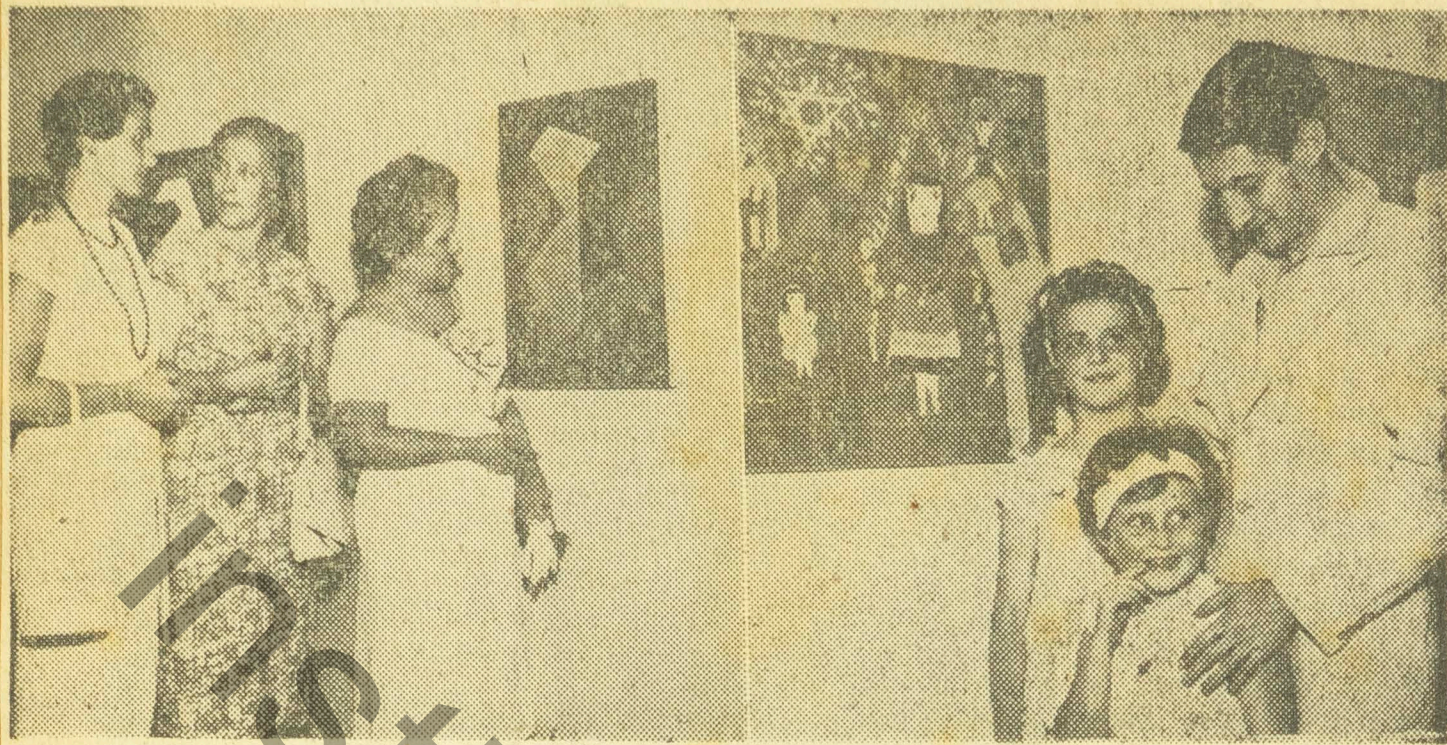
VERA LÚCIA PARTIU



A menina Vera Lúcia, aluna do curso de pintura infantil de Ivan Serpa, em companhia de sua avó, no Aeroporto do Galeão, pouco antes de embarcar com destino à Holanda, onde passará uma semana. Essa viagem é uma oferta da KLM, premiando Vera Lúcia que obtve o primeiro lugar no concurso, instituído por aquela companhia de aviação em todo o mundo. O concurso consistia na escolha, em todos os países, de um desenho de criança, versando temas nacionais. Os trabalhos premiados serão impressos, a cores, na folhinha que a KLM distribuirá em todos os países para o ano de 1959.

jornal do Brasil, 13 de maio de 1958.

Exposição de alunos do Museu



O Museu de Arte Moderna do Rio passa de ano com três exposições: a de parte do acervo no andar térreo (salas dos cursos da Escola), de alunos do curso de Iniciação e Orientação (salas da Gráfica) do qual vemos duas alunas com a pintora-escultora Zélia Salgado, professora, e dos cursos de Pintura de Crianças (sala do terraço, restaurante) do pintor Ivan Serpa, professor, que vemos na foto com dois alunos. Horário normal, de 12 às 19 horas.

correio da manhã, 31 de dezembro de 1958.

EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL NO MAN

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro na Rua da Imprensa, 16, irá inaugurar hoje às 18 horas sua tradicional exposição de arte infantil, com trabalhos de alunos de sua Escola de Arte Infantil, dirigida pelo pintor Ivan Serpa. Abaixo dois dos trabalhos que estarão expostos ao público e aos associados do Museu de Arte Moderna.



Sonia Meilman, 12 anos



Robert Suserela, 8 anos

correio da manhã, 28-11-1958.

SERPA NA EUROPA

Ivan Serpa seguiu para a Europa para o prêmio de viagem ao estrangeiro, de dois anos de duração.

O jovem pintor partiu hesitante e indeciso quanto aos seus planos de estada no velho mundo. Há tanto que fazer e ver que não pôde, até a hora de embarcar, traçar um roteiro preciso.

Começará, todavia, pela Espanha, país de que recebeu convites para uma exposição individual e outra de crianças. Esta já está certa. Será em Madrid. A sua, mesmo, não sabe se poderá realizar.

Aliás, quanto a exposições de trabalhos infantis, tem recebido inúmeras solicitações. As últimas provieram do Japão e Argentina.

Depois da Espanha, Paris. Tôda a Europa, porém, está mentalmente marcada na sucessão de visitas que pretende fazer. Quanto a pessoas, Arp e Magnelli, com cuja pintura sente maiores afinidades.

*correio da manhã
28-6-1958*

arte contemporânea



BAZAR

Presente de Natal
do MAM e o Retrato
de Elsie

MARCOS ANDRÉ

O MUSEU DE ARTE MODERNA, como intermediário, fez a nós, adultos, marmanjos, um delicioso presente de Natal. Um presente alegre, cheio de cor, de pureza. Um presente de crianças para nós todos. Inverteram-se os papéis: são as crianças que fazem presentes aos grandes. É um grupo de Papais Noelinhos enchendo nossos olhos de poesia e de cor. Presente mais lindo neste mundo de Cristo não podíamos ter recebido. E o MAM foi o intermediário! Tenho assistido a centenas de exposições de pinturas em tôdas as partes do mundo. Impressionei-me com a exposição dos PINTORES TRÁGICOS, em New York, onde, num prazer artístico e sádico, uma galeria reuniu quadros famosos de Van Gogh, Gauguin, Modigliani, Utrillo e outros senhores cujos quadros valem ouro e que o público venera, desses senhores que andaram nas suas pobres vidas cortando crelhas, bebendo absinto, morrendo de fome, sofrendo, desesperadamente para que o mundo, mais tarde, se extasiasse diante de seus trabalhos. Assisti com orgulho à estréia de Portinari no Museu de Arte Moderna de New York, uma estréia de "one man's show", o primeiro que se fez lá e que chamou a atenção de todos os Estados muito unidos da América lançando, ruidosamente, o grande pintor brasileiro. Aqui mesmo já me extaseei diante de muita coisa bonita em pintura. Mas, alegria mesmo, alegria sincera e pura, tive eu na semana passada no Museu de Arte Moderna do Rio com a exposição de quadros de crianças. Logo ao entrar na sala tôda de vidro que será o restaurante e que está servindo, provisoriamente, de sala de exposições, sente-se como um sópro de primavera diante daquela mostra de quadros de meninos e meninas, que já são artistas criados pelo museu. E que artistas! Ivan Serpa, o notável pintor abstracionista, estava orgulhoso. Puderam o que se via era realmente notável, porque era obra sua. Até junho foi ele quem dirigiu todo aquele mundo infantil no terreno da pintura. E de junho em diante foi César Oiticica, que foi aluno de Serpa. De qualquer modo, aquilo tudo era criação de Serpa. Meus olhos logo estancaram diante dos cavalos pintados por uma menina de dez anos, Deborah Ellen Crimms. Seus cavalos têm a majestade, o ar fogoso e nobre dos cavalos de De Chirico, acreditem ou não. Cavalos que parecem ter vivido nas lendas dos Nibelungem, que parecem ter transportado os



corpos dos heróis mortos conduzidos pelas valquirias para o Vaala. Parece incrível que uma menina de dez anos possa pintar assim! Mas não é só essa criança que me deslumbra. Há outras, muitas outras, cujos nomes quase todos, infelizmente, não pude guardar. Há o "Circo" de Vera Lúcia Alves Menezes, um circo com animais humanizados (o leão parece um "gentleman" inglês). Nesse circo há tôda a alegria de uma "matinée" infantil. E a "Touzada" de Maria Leticia Soriano, de 13 anos? Quanta imaginação, meu Deus! Um menino de 7 anos, Bernardo Jeffily, usa, vitoriosamente, alguns tons de vermelho num quadro que é uma "trouvaile". A praia de Maria Lopes de Sousa, de 8 anos, é uma beleza! Pancetti, se não tivesse sido um homem torturado e doente, podia tê-la assinado. Uma praia alegre, luminosa de sol e de vida, com aquele mar que parece querer transformar-se numa bomba atômica azul para se fundir com o azul do céu! E há, ainda, entre tantas coisas bonitas brotadas da luminosa e fértil imaginação infantil, um quadro de Ives Henrique Serpa, de 7 anos, filho de Ivan Serpa. Nesse quadro o menino conta tôda uma história de crianças perdidas, de tendas de índios, de um rio azul que passa e que os separa dos fortes salvadores! Isso tudo em tons vivos, magníficos, que dariam uma bela tapeçaria! E o extraordinário é que

nenhum dos alunos de Ivan Serpa sofreu a influência do notável artista, o que mostra que ele deu plena liberdade à imaginação de seus pequenos alunos. O MUSEU DE ARTE MODERNA do Rio não poderia ter-nos feito melhor presente, ou, por outra, esse grupo de crianças inteligentes não nos poderia fazer melhor presente do que a atual exposição do museu. Vendendo-a, podemos ainda acreditar na beleza da vida e na grandeza dessa geração que se está formando. E da pintura das crianças passemos à linda pintura de Sotero Cosme, que fez um lindíssimo...

RETRATO DE ELSIE LESSA. Para mostrá-lo, os Ivan Pedro Martins reuniram um grupo para jantar. Um grupo no qual havia gente ilustre como os Santiago Dantas, os Emilio Hidal, Décio de Sousa, os Cerqueira Leite e muitos outros. O retrato de

(Conclui na 2.ª página)

o globo 24-12-1958



O Museu de Arte Moderna do Rio encerra seu ano de atividades com duas exposições dos alunos dos cursos de Iniciação e Orientação (sala da Gráfica) e Pintura de Crianças (no Restaurante). No clichê dois flagrantes de duas alunas do Curso de Pintura de Crianças com seus professores, Ivan Serpa e César Oiticica. Além dessas mostras, continua aberta no horário habitual (de 12 às 19 horas) a exposição de parte do acervo da instituição

correio da manhã, 23-12-1958.

PARABÉNS

Lá vem a Maria Alice.
Parece que vai dançar
Será que vai mesmo
Ou vai os discos tocar?
Da vitrola para o rádio.
Do rádio à televisão
Olhos verdes de maré.
Olhos azuis de verão.
Vai a escola quando quer
Troca cores com Ivan.
Com Tatiana ballet.
Com o Eduzinho pinta o sete.
Desta vez será os nove
Vê medalhas.
Lê Nelson e Monteiro Lobato.
Lê Luluzinha também.
Para você minha filha.
Um beijo de chocolate.
Um abraço em creme glacê
Um "sim" que é lida paravra
E meus parabéns para você.

DIVA MONIZ

correio da manhã
1 de setembro de 1957

ARTES PLÁSTICAS

PROBLEMAS DA ARTE INFANTIL

Ferreira Gullar

A CONSIDERAÇÃO da arte infantil levanta naturalmente vários problemas, nos quais nem sempre estão de acôrdo os críticos de arte e os educadores. Mas todos-esses problemas encontram um denominador comum no conceito revolucionário de arte e educação inerente à arte da criança e à educação pela arte.

Quando se deixa de ensinar arte — como é o caso dos «cursos» de arte infantil — para ensinar pela arte, reconhece-se antes de mais nada que a verdadeira educação consiste em estimular as qualidades inatas do indivíduo e que a arte, longe de ser a aplicação de fórmulas artesanais, é o instrumento e produto dessa educação, em profundidade. De fato, não se pode jamais separar arte de educação, tomadas ambas em seu sentido essencial, uma vez que, mesmo no artista adulto, o trabalho criador é a um só tempo o processo e o resultado de uma coerência interior.

Por esse motivo, não têm razão os que insistem no aspecto puramente pedagógico da educação infantil pela arte, pondo de lado, como secundário, seus resultados estéticos, para ver nos trabalhos infantis apenas uma espécie de mensagem psicológica cifrada. Não se pretende dizer — claro está — que a educação pela arte tenha por objetivo formar artistas, coisa já de si irrealizável, mas sim que a unidade entre arte e educação impede-nos de subestimar qualquer de seus aspectos em favor do outro.

Deve-se precisar, porém, que a arte infantil é uma linguagem com características próprias, produto de uma relação especial com o mundo, e que, por essa razão, não deve ser comparada nem julgada em função do que convencionalmente chamamos arte (fruto de uma relação (mais complexa) do homem adulto com a realidade). Sem que defira essencialmente da expressão estética adulta, a arte infantil exprime, portanto, um «conhecimento» e uma «ética» peculiares à infância. Não obstante, pode-se dizer que a arte infantil é eminentemente moderna.

Tal afirmativa que, de início, pode parecer contraditória e extravagante, encerra uma verdade simples que logo se revela, quando nos dispomos a examiná-la.

A arte infantil é eminentemente moderna porque a arte moderna aspira a uma pureza e autenticidade que, na arte infantil, em vez de ser aspiração, é a condição mesma de sua existência. Não se pense, por isso, que os artistas modernos gostariam de pintar como crianças mas, sim, que vêem na liberdade de imaginação e expressão das crianças a prova viva do postulado básico de sua revolução: a arte é uma linguagem formal que, desdenhando a visão convencional da realidade, cria um mundo que traz em si mesmo sua disciplina e sua significação.

A criança, com suas garatuças, com os seus borrões de cor, ilustra de modo irrefutável essa tese — e principalmente porque a desconhece e não pretende prová-la.

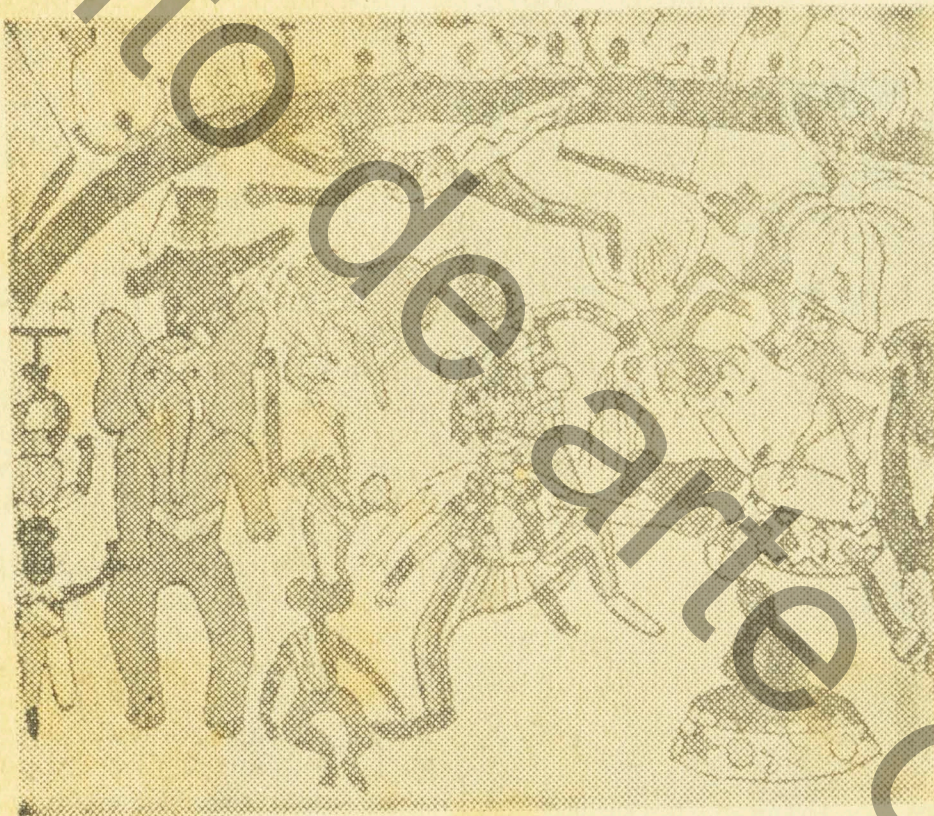
Na verdade, nenhuma expressão está tão longe dos postulados e das provas que a arte infantil. Toda a estética moderna fala da busca de identidade entre percepção e expressão, da vontade de uma formulação concreta das experiências mais profundas. Pois bem, essa identidade e essa formulação constituem o próprio cerne da criação infantil e, enquanto os artistas adultos buscam-na às vészes desesperadamente, a criança as tem de graça e as esbanja perdulariamente, como se pode constatar nesta exposição dos pequeninos artistas do Museu de Arte Moderna do Rio.

A esta altura já deve estar claro que nosso propósito não

Mau amigo Mário Barata entrou em férias, e aqui estou — por bondade sua — para substituí-lo interinamente. Não se assustem, leitores de MB, será apenas por três domingos. Mas, vamos ao assunto — a exposição dos alunos de Ivan Serpa e César Oiticica no Museu de Arte Moderna do Rio.

é demonstrar que a criança é melhor artista que o artista. Acreditamos, sim, que é próprio da criação artística beber nas fontes mais puras do homem, beber no homem

mais puro que está no homem: beber na criança. A arte moderna redescobriu essa necessidade, e é por isso que a arte infantil é eminentemente moderna.



Vera Lúcia Menezes, 13 anos — pintura a óleo

Serpa Vai de Novo

O pintor Ivan Serpa, que tinha interrompido sua viagem de dois anos à Europa no gozo do prêmio de viagem ao estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna de 1957, voltará à Europa no fim de janeiro. Serpa encontrava-se em Madri, quando começou a sentir o coração, tendo se decidido a voltar ao Rio. Depois de três meses de repouso e a conselho do médico que o trata há mais de vinte anos, vai o artista reemprender a viagem, desta vez para levá-la a bom termo. Mas, enquanto «repousava», Serpa pintou alguns quadros e espera tê-los em número e qualidade suficientes para participar da V Bienal de São Paulo.

diário de notícias, 18 de janeiro de 1959

Contemporânea

instituto

de arte



Pintura de Carlos Sérgio Pinto, de 7 anos, aluno de Ivan Serpa

51 crianças expõem no Museu de Arte Moderna

Alunos de Ivan Serpa, de 4 a 14 anos

FESTA PARA SERPA

Sábado retrasado (dia 10) a pintora Elisa Martins Silveira reuniu em sua casa os amigos de Ivan Serpa para um encontro de despedidas, já que o artista está de viagem marcada para Europa. O pessoal concreto quase todo lá esteve para se despedir de Serpa que, falava menos na viagem na exposição dos seus alunos (que inaugurou segunda-feira no Ginástico). Disse que fará uma exposição em Madri e talvez em Barcelona. "Quero encontrar-me em Barcelona com o poeta João Cabral de Melo Neto". Serpa levará consigo alguns poemas dos poetas concretos do Rio para mostrar na Europa.

journal do brasil - 18-5-1958

O Museu de Arte Moderna está apresentando pela sexta vez a Exposição de Pintura de Crianças, com cerca de 100 trabalhos, de 51 alunos do Curso de Pintura Infantil do MAM, dirigido pelo pintor Ivan Serpa.

Os trabalhos foram todos realizados este ano, sendo que nos dois primeiros meses os alunos tiveram a orientação de Cesar Oiticica, auxiliar de Serpa.

FALTA DE ESPAÇO

Professor dedicado, além de pintor premiado (viagem ao estrangeiro no Salão de Arte Moderna de 57), Serpa adoeceu devido ao esforço despendido na organização da exposição, não podendo comparecer à inauguração. Em sua casa declarou-nos: "Este ano ainda não pude realizar a exposição exatamente como desejava: falta espaço na sede provisória do MAM. Gostaria de apresentar não somente os trabalhos das crianças, como todas as suas pesquisas".

ARTE NO MEIER

Serpa, ao lado de Cesar Oiticica e outros pintores do "Grupo Frente", organizou o Instituto de Arte Infantil, na Rua Lins de Vasconcelos, 39, no Meier, que já está funcionando. Diz ele: "Lá temos bastante espaço, e organizaremos brevemente várias exposições. Além disso temos teatrinho de fantoches, diversos cursos de arte infantil, e curso primário. Estamos procurando fazer a relação da escola primária com a arte".

CRIANÇAS, DE 4 A 14

Variam muito as idades dos expositores: o menor tem 4 anos e o maior tem 14. São eles: Maria Inês Bolonha, Carel de Rooy, Luiz Paulo Bolonha, Beatriz Rosenblatt, Gustavo Fortes, Guilherme Schwab, Leila Figueira de Lima, Sílvia Rath Fingerl, Ives Henrique Serpa, Ana Maria Fortes, Francisco José Bolonha, Celia Landman, Maria Dagmar de Gregorie, Roberto Schwab, Pedro Nery Pinto, Carlos Sérgio Pinto, Elizabeth Martins, Cecy Mendes Gonçalves, Mônica Kahn, Eduardo Schwab, Luiz Barreto, Alice Scheinkman, Julio Scharfstein, Wilma Tórok, Maria Cecília Cruz, Doris Cor-

reia Paes, Silene Meilman, Robert Sushereba, Manuel Frota Sousa, Maria Inês Mendes Gonçalves, Paulo Monteiro Maurício, Ivan Nery Pinto, José Scheinkman, Ana Maria Ribeiro, Maria Alice Muniz Comide, Martha Chaves Peixoto, Joyce Landman, Sergio Nery Pinto, Maria Tereza Almeida, Maria Cecília Barredo, José Augusto Nunes, Ana Lúcia Barredo, Telma Kahn, Maria Inês Barreto, Maria Leticia Dobbin, Maria Rita Pedrosa, Cláudia Gerp, Sônia Meilman, Elza Maria Barredo, Amélia Maria Mayall e Vera Lucia Menezes.

continua →

EDUCAÇÃO ESTÉTICA

O objetivo de Ivan Serpa, e de cursos de arte infantil semelhantes ao seu, é promover a educação da criança através da arte, segundo as mais modernas normas pedagógicas. Nestes cursos a criança tem liberdade de criação, (bem orientada), desenvolve a imaginação e se adapta à vida, através das relações com seus colegas. Sua necessidade de expressão encontra um bom campo e, em seus trabalhos a criança cria, sentindo-se realizada e feliz.

Além do Curso de Pintura Infantil do MAM e de seu Instituto de Arte Infantil, no Meier, Serpa dirige cursos semelhantes nos Institutos São Fernando, São Marcos e 5 de Julho. A presente mostra reúne somente trabalhos dos alunos do MAM, e estará aberta até 15 de dezembro, na sede provisória do Museu de Arte Moderna, à Rua da Imprensa 16-A.

Tribuna da Imprensa

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

OS CURSOS DE CRIANÇAS DO MUSEU

Introdução do professor Carlos Flexa Ribeiro para a Exposição de Pintura de Crianças, alunos de Ivan Serpa nos cursos do Museu de Arte Moderna, a ser encerrada no próximo domingo, 15, às 19 horas, e que está a exigir de todos uma visita atenta

A educação tal como a praticamos nas escolas tradicionais, de acordo com o "modêlo oficial", é uma espécie de sapato chinês: não deixa o pé, isto é, a personalidade, crescer e desenvolver-se livremente. Nesse tipo de educação — em que sucessivamente transitamos da situação de vítimas à de algozes — a medida que a criança progride em idade vão morrendo nelas as mais puras e espontâneas virtudes criadoras.

Do ponto de vista particular da arte (da produção da arte e do consumo da arte) esses métodos educativos se traduzem num processo de paradoxal "deformação integral da personalidade". Tais métodos, longe de corrigi-lo, concorrem para o embotamento da visualidade, ao longo da adolescência. Essa infelicidade se completa reduzindo o adulto ao que se poderia designar como "analfabeto", em matéria de linguagem plástica. "Analfabetos da visão" seriam todos os que não aprenderam a ver na medida em que aprenderam a ler. Os equívocos que resultam dessa situação são fáceis de verificar; podem ser avaliados por vários índices, entre os quais avulta a tenaz persistência de numerosos preconceitos estéticos, responsáveis pela sobrevida de que gozam algumas tradições acadêmicas francamente mumificadas.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro se inclui entre as instituições que já abriram uma frente de combate pela transformação desse estado de coisas. Os cursos de Pintura de Crianças que, desde 1952, Ivan Serpa vem dando no Museu, se inspiram nas idéias correntes nos últimos cinquenta anos, de estimular na criança a plena liberação da atividade criadora. Para longe os constrangimentos preconceituosos. O que se afirma nos cursos de Ivan Serpa é que, nos trabalhos destes jovens, pela alta dose que possuem de poder criador espontâneo, está garantida uma certa qualidade artística. Em relação às condições de livre criação a verdadeira tarefa dos adultos consiste em abster-se de intervir para não perturbar um processo natural.

Assim como em relação à obra de um artista adulto o que nos cumpre é cuidar de reconhecer a existência das normas específicas do seu estilo, para respeitá-las, também, nestes cursos, não se pede, senão, que as crianças obede-

çam a si mesmas na prática da pintura, porque se reconhece em cada uma delas uma "lei em si própria".

Decorre daí o banimento de medidas didáticas que atuem no sentido de incentivar nos garotos uma pericia técnica e um "virtuosismo" na cópia do natural que, na verdade, são fatores deteriorantes da liberdade criadora pelo estímulo que dão a truques de mera habilidade imitativa.

E' contra as seduções dessa habilidade imitativa que os cursos do Museu pretendem proteger as crianças. Se arte é criação e nunca imitação, não há por que estimular precocemente a pericia na cópia do natural, em detrimento de uma atividade que, por si, brota livremente como um atributo próprio da idade.

Mesmo porque, no caráter livre desse trabalho, repousa uma das possibilidades de não declinar, com o tempo, o poder criador da criança. Ou, pelo menos, é legítimo admitir-se que, pelo fato de ter a criança algum dia pesquisado por si mesma os meios de expressão plástica, sua visão de adulto venha a sofrer, em intensidade, menor embotamento em relação aos problemas da linguagem plástica. O abc da visualidade terá assim permanecido sob a forma de uma experiência vivida integralmente, isto é, sem ter sofrido intervenção ou imposição capazes de distorcer a índole de cada indivíduo.

A doutrina pedagógica destes cursos é rica de humildade. Sua virtude primeira está na abstenção: não agredir o aluno com ensinamento ostensivo de determinada arte. Na generalidade um mal compreendido ensino não passaria de uma violação de dotes poéticos espontâneos; e nesse terreno o aluno já é, por si mesmo, na maioria dos casos, mais rico do que o professor.

Uma exposição de obras do gênero destas que nos propõe agora o Museu de Arte Moderna, em si mesma não corre risco algum. Pode sempre, no entanto, ser mal interpretada. Por isso convém sempre repetir que ninguém pensa que os autores destes trabalhos sejam artistas desde já. Nem mesmo convém estar vaticinando no meio deles algum futuro pintor. Nada de olhar esta exposição projetando nela as nossas convencionais classificações, forjadas nos quadros mentais do adulto.

Basta considerar uma verdade inicial bem mais simples. Os autores destes trabalhos não são artistas com os requisitos que essa condição importa no mundo dos adultos: são melhor que artistas, são garotos, seres para quem a atividade criadora ocorre em dimensões espirituais muito diversas das nossas — sobretudo se não forem vitimados pela intervenção da tristonha sabedoria da gente grande.

CARLOS FLEXA RIBEIRO

correio da manhã, 12 de dezembro de 1957

Contemporânea

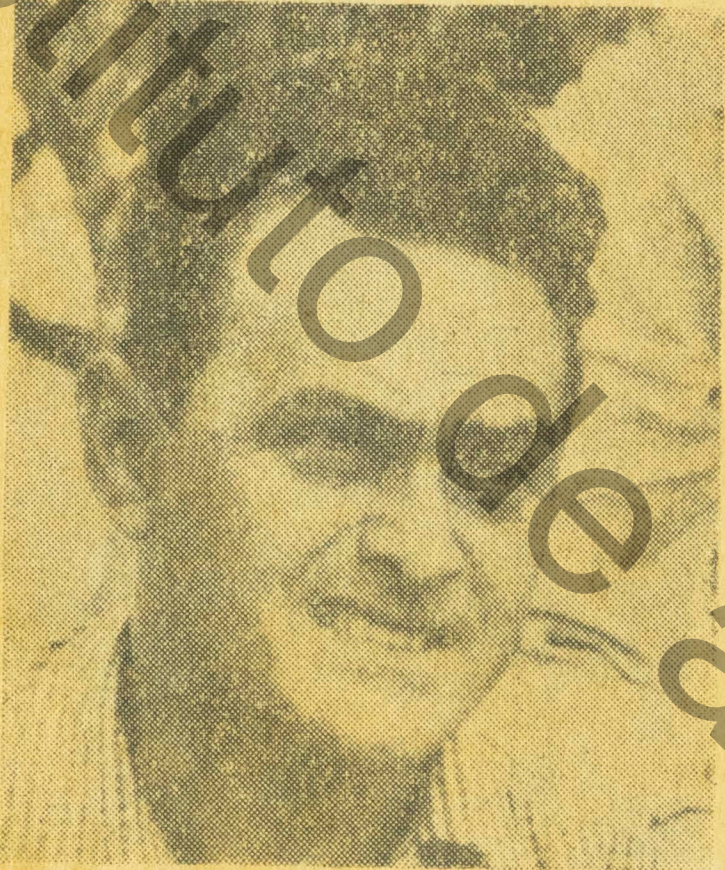
ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAIME MAURÍCIO

Carvão e seu "Atelier Livre" no MAM

As aulas começarão no dia 16, o método é o mesmo: liberdade, assistência individual — Percepção, composição, valores plásticos, ambientação, história da arte — Muitos artistas jovens saíram do Atelier Livre

O Atelier Livre de Pintura dos cursos do Museu de Arte Moderna do Rio e sob a orientação do pintor Aluísio Carvão, vai ser reiniciado no próximo dia 15 do corrente, com a aceitação de novos alunos que constituirão uma outra turma. Criado em 1952 foi, inicialmente, confiado à orientação de Ivan Serpa que o deixou em 1956. Desde então foi confiado a Carvão. Por esse atelier livre passaram pintores e gravadores hoje conhecidos e aplaudidos como João José da Silva Costa, Ruben Mauro Ludolf, César e Hélio Oiticica, Elisa Martins da Silveira, Lígia Pape (nos primeiros tempos), Ana Leticia, Rossini Perez e outros.



Aluísio Carvão: só falou do atelier. De sua pintura — nada

— A orientação do atelier livre de pintura, informa Carvão, não é rígida. Não propriamente um currículo. Trabalhamos com ampla liberdade individual e cada aluno para mim é um problema à parte. De início o grupo é muito heterogêneo, desigual, com temperamentos variadíssimos. Com o tempo alguns vão desistindo e só permanecem os verdadeiramente interessados. Aí então é que conseguimos uma boa continuidade no trabalho, ainda que continue difícil acompanhar individualmente e com atenção o rendimento de cada um.

E o pintor diz sinteticamente quais os pontos que mais lhe interessam no desenvolvimento do ano letivo no atelier livre: estímulo à percepção (prática com gráficos); Composição (estudos com reproduções, colagem, exercícios através de problemas dados); Conceito de valores plásticos (sem dialética erudita, mas num cunho objetivo); Ambientação (crítica, estímulo ao debate e convivência entre alunos, visitas às exposições do acervo do MAM). Acontecimentos marcantes da história da arte.

— Além desse programa assim mal esboçado — esclarece Carvão — o aluno é obrigado a apresentar, semanalmente, no mínimo um trabalho, realizado fora da aula. Modelos, cópias? Jamais. Tenho perdido vários alunos por esse motivo mas não transijo. Não quer dizer que esteja antecipadamente dirigindo o gosto do aluno para uma arte não-figurativa, pois nos exercícios e esquemas que lhes dou há muitas vezes garrafas, frutas, paisagem, árvores, etc. Nunca porém faço com que copiem, por motivos óbvios que não vem ao caso lembrar.

* * *

Tentamos alcançar algumas declarações de Aluísio Carvão sobre movimentos, vanguardas e polêmicas, mas o pintor preferiu não fazê-las. Os ânimos andam muito susceptibilizados... Continua trabalhando muito. Vai enviar para o Salão de Arte Moderna (já concorre aos prêmios de viagem), V Bienal de São Paulo, devendo ainda realizar uma exposição na galeria Gea. Aluísio Carvão é também concorrente ao Prêmio Leirner de 1958, entre outros pintores cariocas e paulistas.

correio da manhã 5 de dezembro de 1959

Instituto de Arte Contemporânea